



Boletim do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional
Versão em Português | N° 38 - JULHO DE 2023

R\$ 5

Reconhecimento ao trabalho e à obra de Guillermo Lora

**14 anos do falecimento do
dirigente do Partido Operário
Revolucionário (POR) da
Bolívia e do Comitê de Enlace
pela Reconstrução da IV
Internacional (CERQUI)**

**Nossa tarefa é a de superar a
crise de direção, reconstruindo
o Partido Mundial da Revolução
Socialista, a IV Internacional**

**Memória Eterna a
Guillermo Lora!**

APRESENTAÇÃO

Este Boletim Especial do CERQUI - dedicado à assimilação das contribuições de Guillermo Lora ao marxismo-leninismo-trotskismo, e, em particular, à luta pela Reconstrução da IV Internacional - resultou de um esforço coletivo de suas seções, como forma militante de homenagear o dirigente do POR e fundador do próprio CERQUI, na data dos quatorze anos de seu falecimento. Está constituído de um Ato-político organizado pela direção do CERQUI, de participação em um programa transmitido pela TVCOMUNA e uma entrevista realizada pelo canal @valter.ponto.

A edição na forma de Boletim Especial documenta esse tributo ao trabalho incessante de Guillermo Lora à causa do proletariado, da revolução social, do internacionalismo e, portanto, da luta mundial pela sociedade sem-classes, o comunismo. As exposições aqui editadas mostram o quanto é necessário o estudo, a assimilação e a aplicação do marxismo-leninismo-trotskismo nas condições de profunda crise de direção mundial. Necessidade que diz respeito não apenas à obra de Guillermo Lora, mas também à vasta elaboração do socialismo científico de Marx, Engels, Lênin e Trotsky, sobretudo.

Entendemos e avaliamos que Guillermo se encontra na linha dos grandes comunistas, por ter dado continuidade às formulações programáticas aplicadas às condições particulares da Bolívia. Fazemos referências às suas Obras Completas de 70 volumes, não tanto em relação à sua extensão, mas fundamentalmente pelo esforço e clareza nelas contidos de aplicação sistemática do socialismo científico. A riqueza de observação, de análise e de formulação teórica, diante de um longo período da luta de classes, ferreamente voltada ao programa da revolução proletária e à linha política como orientadores da ação do POR, são fontes de experiências indispensáveis para a construção dos partidos marxistas-leninistas-trotskistas, em qualquer latitude em que a vanguarda lute pela superação da crise de direção, sob a orientação do internacionalismo proletário.

Pudemos nessa atividade dos quatorze anos reconhecer a grande perda física que a classe operária boliviana, latino-americana e mundial tiveram, ao constatar que Guillermo Lora, até o último momento de sua vida, reuniu esforços para continuar as formulações diante dos novos acontecimentos econômicos, políticos e sociais, tanto em nível nacional quanto internacional. Entre os vários aspectos levantados e analisados nas exposições, há um de método e orientação programática, que é a relação entre a luta nacional pela revolução e a internacional pela derrubada do capitalismo e pela construção da sociedade comunista.

Esse ponto mereceu destaque justamente porque diz respeito à própria construção das seções que hoje compõem o CERQUI e a necessidade de crítica ao revisionismo que se instalou na direção da IV Internacional e que a levou à desintegração entre a década de 1950 e 1960. O POR, sob a direção de Guillermo Lora, traz muitos ensinamentos nesse sentido. Processo que esteve marcado pela crítica e autocrítica.

Em um de seus últimos escritos, de outubro de 2008, intitulado "Rumo à barbárie?", Lora retoma e reforça esse pressuposto fundamental do marxismo-leninismo-trotskismo. Eis: "A experiência dura e cheia de frustrações que se passou obriga que se materialize, da parte de todas as seções nacionais da Internacional, a estruturação das seções da IV Internacional com seus programas nacionais, como uma expressão marxista da luta pela solução dos problemas e da estratégia de cada uma delas, parte integrante da finalidade da Internacional mundial. (...) Não se deve esquecer que as seções nacionais da Internacional marxista-leninista-trotskista têm a obrigação de responder aos seus problemas nacionais e aperfeiçoar os seus programas, partindo de suas experiências cotidianas. (...) A experiência nos

ensina que a resistência em elaborar os programas dos diversos partidos trotskistas é resultado da insipiência da militância, que lhes impede de conhecer a fundo o marxismo. (...) Novamente, devemos assinalar que o Programa de Transição da IV Internacional, aprovado em setembro de 1938, expressa as leis mundiais do capitalismo e do movimento operário internacional. Essas leis se concretizam nos marcos das particularidades nacionais, o que nos obriga a revelá-las. Os programas nacionais devem utilizar-se, aplicar-se, em estreita relação com o Programa de Transição. (...) Uma das tarefas imprescindíveis é a atualização e o ajuste dos programas internacional e nacionais." Ainda em outubro, Lora no texto "Dados sobre o trabalho realizado" conclui: "A autocrítica do trabalho realizado até agora no plano internacional é imprescindível para o fortalecimento do trabalho em diversos países".

Assinalamos essas últimas considerações de Lora como uma tarefa a ser enfrentada pelo CERQUI e, portanto, por suas seções. O longo percurso do POR em meio à convulsiva e aguda luta de classes na Bolívia e na América Latina confirma a tese acima. As características da barbárie do capitalismo em decadência e decomposição de sua fase última que é a imperialista foram demonstradas há muito pelos marxistas. As revoluções proletárias do século XX, tendo à frente a Revolução Russa, de outubro de 1917, não por acaso, se passaram entre duas guerras mundiais. Abriam caminho ao combate e à superação do capitalismo, portanto, se ergueram como resposta histórica à barbárie social, que emerge na mais elevada e avançada sociedade de classes. Sem a continuidade das revoluções e desenvolvimento das relações socialistas de produção em escala mundial, o capitalismo historicamente esgotado só teria a oferecer para a maioria oprimida a barbárie.

Guillermo Lora dedicará alguns escritos no final de sua vida aos perigos da barbárie que guarda uma relação direta com a crise de direção, que se expressa na desintegração organizativa da IV Internacional e na demora em reconstruí-la. O desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas confirmou a derrocada do estalinismo, sem que tivesse sido por meio de uma revolução política, formulada por Trotsky em sua luta contra o terrível e defendida por Guillermo Lora, diante da marcha restauracionista, chefiada pelo próprio Partido Comunista, sob a direção de Mikhail Gorbachev. A sua demolidora crítica à Glasnost e Perestroika e defesa da revolução política foi, pode-se dizer, um esforço isolado do POR, nas condições de avanço avassalador das forças contrarrevolucionárias, impulsionadas pelo imperialismo e encarnadas pelas direções estalinistas.

Está por ser realizado um balanço mais completo do percurso da contrarrevolução que se agigantou durante e após a Segunda Guerra Mundial. E aí se ressaltará a importância das posições dwo trotskismo conservadas, aplicadas e fundamentadas por Lora nas condições em que passa a imperar a contrarrevolução em detrimento da revolução, que culminou com o colapso e liquidação da URSS.

Ao completar os 14 anos do falecimento de Guillermo Lora, o CERQUI se encontra diante da difícil tarefa de lutar contra a guerra na Ucrânia, o confronto econômico-comercial dos Estados Unidos com a China e a escalada militar, que tem evidenciado um dos maiores impulsos depois da Segunda Guerra Mundial. Estamos profundamente convencidos de que a vanguarda com consciência de classe necessita das experiências concentradas pelo POR da Bolívia e das ricas formulações programáticas que foram se materializando nos longos anos de militância do camarada Guillermo Lora.

Memória eterna a Guillermo Lora!

Pela direção do CERQUI, Atilio de Castro

Considerações de Atilio de Castro POR Brasil

Gravação realizada em 20 de maio de 2023

O tema que me toca, para homenagear Guillermo Lora, é sobre o seu trabalho, a sua dedicação, em construir o partido como uma tarefa histórica que não se limita à revolução proletária na Bolívia, que se trata de uma tarefa muito maior, a de trabalhar pela revolução proletária mundial. Os fundamentos do internacionalismo proletário se encontram fortemente implantados no POR da Bolívia, não apenas nas ideias ou explicações gerais sobre o internacionalismo, sobre a IV Internacional, sobre a degeneração da II e III Internacional, ou sobre o lugar da I Internacional na luta marxista pelo comunismo. Em outras palavras, não estão implantados como se fossem puramente discussões internacionais. Estão implantados na tarefa de desenvolver a revolução no seu próprio país, aí está a força e a presença do POR da Bolívia na situação mundial e, em particular, na situação da América Latina.

A discussão sobre o vínculo do POR com a IV Internacional tem uma transcendência para hoje, no momento em que estamos vivendo uma profunda crise de direção revolucionária mundial, diante da guerra na Ucrânia, da escalada militar em todo o mundo, da guerra comercial dos Estados Unidos na Ásia contra a China, da desintegração dos regimes políticos na América Latina, da luta de classes na França contra o governo de Macron, enfim, diante de um conjunto de movimentos em todo o mundo, que evidenciam contradições: de um lado o imperialismo avança com seu poder reacionário, com seu poder profundamente destrutivo das relações mundiais e, de outro, a luta de classes se mostra convulsiva, evidentemente com diferentes graus em cada país, no entanto, a ausência das direções revolucionárias obstaculizam a marcha da revolução social. Há um movimento internacional da classe operária e dos demais oprimidos, que se mobilizam sob os terríveis ataques do imperialismo, os brutais ataques da burguesia. As contrarreformas que atingem profundamente as necessidades mais elementares das massas, a proliferação da miséria, o crescimento do desemprego e o avanço da fome se dão nos marcos de gigantescos retrocessos organizativos do proletariado. Nessas condições concretas é que, hoje, falamos sobre o internacionalismo proletário e a elaboração de Guillermo Lora. Não é uma homenagem para apenas lembrarmos de Guillermo Lora, é uma homenagem para um compromisso, o compromisso revolucionário de manter sua obra, seu trabalho, e levar adiante a tarefa de reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista.

Essa luta pela superação da crise de direção revolucionária mundial está enraizada na vida política do POR da Bolívia. Temos de lembrar que no Brasil, na Argentina e no Chile surgiram os embriões de partidos da IV Internacional mais avançados em sua origem que na Bolívia. No Brasil a formação da Oposição de Esquerda chegou a ter um de seus dirigentes na direção da IV Internacional, que foi Mário Pedrosa. E o que se passou com o trotskismo no Brasil? Toda uma experiência fracassada devido ao grupo

de intelectuais que não empreendeu a tarefa, no início da década de 30, de construir o programa no seio do proletariado. Essa tarefa foi assumida por Lora que trabalhou incessantemente por cumprir, e que nos deixou a seguinte lição: se querem construir o partido revolucionário têm que construí-lo no seio da classe operária, e para construir no seio da classe operária têm de ser internacionalista, porque a classe operária e a revolução são internacionais.

O POR passou por dois momentos muito particulares em sua existência. Guillermo se refere a duas gerações de revolucionários, a que vem de José Aguirre Gainsborg, que se encontra na origem do partido, que não foi fundado na Bolívia, sua fundação ocorreu em Córdoba, na Argentina. E como foi esse nascimento do POR? Foi justamente logo após uma guerra, a guerra do Chaco, uma guerra promovida pelo imperialismo, entre duas nações oprimidas, Bolívia e Paraguai. Os revolucionários que trabalhavam contra a guerra, que lutavam pelo fim da guerra, foram perseguidos, entre eles

Gainsborg, que entrará em contato com a Oposição de Esquerda, estando exilado no Chile. O Chile estava mais avançado no processo de construção partidária. O Partido Comunista chileno era um dos mais avançados, em termos de construção, na América Latina. Gainsborg foi expulso pelos estalinistas, por assumir posições da Oposição de Esquerda. Essa raiz trotskista teria de se consolidar, de florescer, e, portanto, não só permanecer nas profundezas da terra. Essa raiz teria de florescer e se fortalecer. O que dependia da constituição do programa da revolução proletária que as condições históricas da Bolívia exigiam.

A segunda geração de revolucionários do POR surge na década de 40, e aí está Guillermo Lora, aí está a intervenção de Lora. É importante compreender o surgimento do POR, em 1935,

vinculado à Oposição de Esquerda, mas essa origem, distintamente do que veio a ocorrer com o trotskismo no Brasil, Argentina e Chile, não se perdeu na Bolívia. E por quê? Porque lá houve um trabalho muito particular que é próprio do marxismo-leninismo-trotskismo, aplicar a teoria geral da revolução proletária, as leis da revolução, às particularidades nacionais do país. Aí se encontra o trabalho de Guillermo Lora.

Quando dizemos Guillermo, não vamos entender como um caudilho, como uma pessoa isolada, vamos entender como um marxista no seu trabalho coletivo com seus camaradas, mas que tem uma importância decisiva devido ao seu grau de compreensão, de trabalho, de responsabilidade frente à classe operária e às tarefas da revolução. Aí está a raiz do internacionalismo do POR; raiz que nenhuma corrente revisionista do trotskismo tem. Referimo-nos às correntes que, entre os anos de 1950 e 1960, fizeram uma revisão programática da IV Internacional, que resultou em sua desintegração. A IV Internacional não teve como suportar o impacto do revisionismo que atingiu os fundamentos da luta de Trotsky contra o estalinismo contrarrevolucionário. O dirigente Michel Pablo e um

Quando dizemos Guillermo, não vamos entender como um caudilho, como uma pessoa isolada, vamos entender como um marxista no seu trabalho coletivo com seus camaradas, mas que tem uma importância decisiva devido ao seu grau de compreensão, de trabalho, de responsabilidade frente à classe operária e às tarefas da revolução.

grupo de intelectuais que compunham a sua direção não foram capazes de se proletarizar. E por não se proletarizarem caminharam para uma aventura, que foi a tentativa de recuperar o estalinismo, uma corrente contrarrevolucionária.

O POR fazia um trabalho internacionalista, isolado, e não só isolado, mas também combatido, como se passou na revolução de 1952. A revolução de 1952, que vinha depois de uma luta nos anos de 1940, em que se trouxe à luz do dia as Teses de Pulacayo, seguia as tendências concretas colocadas pela Teses. A direção revisionista da IV Internacional interveio na Bolívia, para combater o trotskismo. O pablismo levou a duas divisões no POR. Esse embate foi terrível, porque quase liquidou o partido na segunda divisão. A solidez programática alcançada sobre a base das experiências da década de 1940 e 1950 fortaleceu os quadros que se mantiveram sob a direção de Guillermo. O POR se temperou como partido marxista-leninista-trotskista. O pablismo, o revisionismo, foi derrotado na Bolívia em uma situação de uma revolução, e não em uma situação de discussão teórica, não em uma discussão de intelectuais, e sim na situação de luta de classes aguda que colocava um problema de vida ou morte da vanguarda da classe operária. Essa foi uma experiência definitiva com o revisionismo. Onde estão os pablistas? No Brasil desapareceram, se dissolveram no PT. Na Bolívia, recorreram finalmente à aventura foquista. Sua política de capitulação diante do castro-guevarismo os manteve, em 1971, à margem da Assembleia Popular. Os castristo-guevaristas estavam praticamente liquidados por sua política pequeno burguesa aventureira.

O POR vai sentir uma necessidade muito grande da IV Internacional, precisamente nesse período da década de 1970, quando passa pela experiência da Assembleia Popular, uma experiência de duplo poder em que se colocou a questão da revolução proletária, da ditadura do proletariado, da aliança operário-camponesa. Com sua projeção na América Latina e internacional - um momento de grande importância como foi o da revolução de 1952 - Guillermo Lora sentirá uma necessidade muito profunda de superar isolamento que o partido tinha frente à IV Internacional.

Guillermo vai procurar a via de um trabalho conjunto com os lambertistas, (refere-se a Pierre Lambert), que se desprenderam do fracionamento na década de 50/60 e que criaram um organismo internacional de oposição à direção revisionista da Quarta, identificada com o Secretário Unificado (SU). Então, Guillermo vai trabalhar com a Organização Comunista (OCI) da França e se realiza uma experiência, uma primeira relação de organização mais orgânica, no sentido de reconstruir a Quarta Internacional. Houve três Conferências latino-americanas em que o POR esteve à frente com a bandeira de reconstrução da Quarta Internacional. Mas os lambertistas, que já estavam numa posição revisionista, porque foram incapazes de combater programaticamente o pablismo, passaram a combater justamente aspectos da experiência concreta da Assembleia Popular. Quais aspectos? Os da caracterização das burguesias nacionais dos países oprimidos pelo imperialismo e da frente única anti-imperialista, justamente um ponto programático que aparece nos Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista, e que o POR viveu na Assembleia Popular, e que, depois do golpe de Banzer,

também se esforçará desde o exílio por constituir-la, com o nome de Frente Revolucionária Anti-imperialista, assim corrigindo definitivamente o erro que comparece nas Teses de Pulacayo, que referiam-se à frente única operária, tática apropriada para os países de economia avançada e imperialistas. No Peru, o lambertismo procurou desenvolver a posição de que uma Assembleia Constituinte poderia cumprir o papel dos soviets. Impostura que foi terminantemente rechaçada por Lora.

Depois dessa experiência fracassada com a OCI, nos marcos do CORQUI (Comitê pela Reconstrução da IV Internacional), ocorre uma cisão e se vai constituir, em 1979, a TQI (Tendência Quarta Internacional), um novo centro organizativo com o Política Obrera (PO), da Argentina. Na época, chegaram a participar um agrupamento do Peru e nós, do Brasil, quando se formava Causa Operária. Essa tentativa também fracassou, porque o PO estava caminhando para uma adaptação às relações políticas ditadas pela crise do capitalismo na Argentina, caminhava no sentido de transformar-se, de um partido que se identificava com o leninismo, em um partido centrista, voltado às eleições e em um partido que se negava a desenvolver a estratégia da revolução e ditadura proletária, em nome de um "governo dos trabalhadores", adaptado aos processos legalistas na política da Argentina. Mas a luta permaneceu e Guillermo irá aproveitar as novas experiências com o isolamento para constituir o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), que hoje está falando em nome de Guillermo Lora, que hoje está discutindo as formulações de Guillermo.

Uma ideia central é que não vamos pôr em pé o Partido Mundial da Revolução Socialista a não ser com as conquistas que o marxismo-leninismo-trotskismo alcançou na Bolívia. E, portanto, que sejam devidamente compreendidas e assimiladas. Não será por outro caminho, não será à margem do Programa de Transição, não será à margem de todas as posições que Trotsky desenvolveu na luta contra o stalinismo, que levou à destruição da URSS, que se reconstruirá a IV Internacional. Posição como essa está bem fundamentada e desenvolvida nos escritos de Lora. O CERQUI também vive um isolamento, também vive seu momento embrionário, mas está assentado, alicerçado e enraizado em uma grande conquista, o POR da Bolívia, que é uma conquista marcadamente internacionalista, marcadamente marxista-leninista-trotskista.

Sabemos perfeitamente das enormes dificuldades na Bolívia, nas condições de um país atrasado do ponto de vista capitalista, mas que conta com um monumento do internacionalismo proletário, encarnado pelo POR. Essa obra se ergueu, sob a direção de Guillermo Lora, quando em outros países existiam melhores condições para se levantar um partido revolucionário, mas que os revisionistas, os centristas, interromperam o processo, dissolvendo a IV Internacional e multiplicando as cisões.

Camaradas, esta homenagem a Guillermo Lora não é uma simples homenagem, é um reconhecimento de que não há como trabalhar pela superação da crise de direção revolucionária do proletariado, a não ser potenciando o POR da Bolívia, a não ser potenciando a construção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional.

Memória eterna ao camarada Lora!



Intervenção de Ramón Basko – POR Argentina

Gravação realizada em 20 de maio de 2023

Boa noite, camaradas. A melhor homenagem que podemos prestar a Guillermo Lora é lutar todos os dias pela revolução, lutando para construir as seções da IV Internacional, e para construir o CERQUI, apoiados, como o camarada Atilio apontou, naquela obra monumental, naquel e enorme capital político que significa a obra de Guillermo.

Há pouco o camarada se referiu ao rompimento com o PO na Argentina, e isso é uma demonstração da luta internacional de Guillermo. Cedo, em 10 de novembro de 1983, no Massas 872, ele publicou uma crítica à Política Obrera e ao Partido Obrero, afirmando claramente que “este partido abandonou a tarefa de construir o partido revolucionário”, essa foi uma crítica muito dura, e, na prática, significou a dissolução da TQI (Tendência Quarta Internacionalista), corrente que havia sido formada, em 1979, com Política Obrera da Argentina, junto com grupos do Peru, Chile e partidos de outros países, porque o PO decidiu abandonar seu nome, seus estatutos, sua luta pelo programa, sua luta por um governo operário e, como disse o camarada, transformou a estratégia na luta por “um governo dos trabalhadores”.

Como a camarada acabou de dizer, uma das críticas feitas pelos revisionistas em todo o mundo é que Guillermo Lora e o POR boliviano eram uma expressão do nacional-trotskyismo, que eram nacionalistas. Nada poderia estar mais longe da realidade. Em primeiro lugar, temos de destacar que o POR, desde o final dos anos 1940, buscou o vínculo com a Quarta Internacional. Manteve uma relação com o SI (Secretariado Internacional). Mas o Secretariado Internacional, liderado por Michel Pablo, por Pierre Frank, pelos revisionistas do SI, virou as costas para a Revolução Boliviana.

O POR retomou essa relação internacional na década de 1960, como Atilio apontou há pouco, ligando-se e formando o CORQUI (Comitê Organizador para a Reconstrução da Quarta Internacional), que teve uma existência de 10 anos e acabou justamente por causa das divergências sobre a Assembleia Constituinte, sobre a Frente Anti-imperialista, sobre a diferença entre países opressores e oprimidos, questões essenciais ao leninismo e à política a ser seguida pelos revolucionários nos sindicatos.

Dessa experiência frustrada, nasceu a TQI, que teve vida curta, até o ano de 1983. Imediatamente, ocorreu a divisão dos partidos ligados à TQI e ao CORQUI e se processou uma aproximação com o POR boliviano. Guillermo Lora defendeu a necessidade de construir um Comitê de Ligação, para começar a trabalhar na reconstrução da Quarta Internacional, que a tarefa é a de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista e que esse objetivo não admitia demora, que tínhamos de começar a trabalhar, recomendando que as organizações embrionárias trabalhassem para estruturar o programa, que havia de intervir com essas ideias no movimento operário, que esse era o caminho para construir as seções da Quarta Internacional. Verificou-se, dessa forma, a preocupação de Guillermo Lora e do POR boliviano com a questão internacional, para resolver o problema da direção internacional,

que é o problema mais dramático da humanidade, que é necessário reconstruir o IV, que é necessário resolver a crise da direção internacional.

Esse é um aspecto ignorado ou escondido pelas correntes de esquerda, revisionistas, que afirmam que o POR permaneceu isolado. Como disse Atilio, as principais correntes que se dizem da IV Internacional têm trabalhado para isolar o POR boliviano, para que sua experiência, para que seu programa e suas lutas não transcendam, não sejam conhecidas, e, portanto, trabalharam para gerar um preconceito, para distorcer sua história.

Guillermo Lora não só fez um enorme trabalho para a estruturação do programa da revolução na Bolívia. Um trabalho indispensável. Repetia sempre: sem programa não há partido revolucionário. Essa tarefa, que os revolucionários conheçam profundamente a realidade que têm de ser transformada. Dizer em cada país qual a natureza da revolução, quais são as tarefas, quais são as necessidades que a revolução deve resolver, quais são os aliados do proletariado na luta pelo poder. Esta é uma questão essencial.

Guillermo Lora e o POR deram uma lição extraordinária contra o revisionismo pablismo na Bolívia. A recomendação do pablismo era que o

POR entrasse no MNR, era a de “dar apoio crítico” ao seu governo, era submeter-se à liderança nacionalista. Guillermo Lora – e, na época, um importante setor do Partido –, combateu essa orientação da Internacional. Guillermo Lora e o POR já conheciam dois ou três anos antes da Revolução de 1952 a posição da Internacional. Depois do massacre de 1949, não encontraram solidariedade, não encontraram a resposta da IV Internacional à sua luta, os militantes exilados que estavam espalhados por vários países não conseguiram encontrar a Quarta Internacional, de forma que essa se interessasse em conhecer a sua experiência e apoiar a sua luta. Essa foi uma primeira frustração, o contraste entre a evolução

da luta de classes na Bolívia que eles tanto exaltaram e o papel da Quarta Internacional que já estava nas mãos dos revisionistas.

Essa luta continuou nos anos 1960. Uma luta extraordinária contra as posições foquistas, luta que se deu quando havia uma euforia em todos os nossos países com a experiência foquista e em que o Secretariado Unificado da Quarta Internacional se havia perfilado por trás das experiências foquistas, seguindo o castro-guevarismo. A intervenção do POR boliviano e de Guillermo Lora prosseguiu, mais adiante, caracterizando corretamente o que aconteceria com a Perestroika e a Glasnost, para onde levava esse aprofundamento do processo de restauração capitalista, que ameaçava atacar as mais importantes conquistas da classe operária no mundo.

Então vemos que Guillermo Lora não só contribuiu com a doutrina marxista-leninista-trotskyista para descobrir as leis do desenvolvimento da revolução na Bolívia, mas também interveio na luta de classes internacional, apesar de seu isolamento, para formular a perspectiva de classe, por onde passava a política dos revolucionários.

É justamente isso que exigimos e é isso que o POR boliviano ensina, que o partido da classe operária deve sempre mostrar sua estratégia. Mostrar que não há alternativa, outra saída para a humanidade, que não seja a da revolução social, que não seja a da ditadura do proletariado.

No ano passado, em uma atividade realizada aqui, vimos as críticas feitas em 1953 por um setor do “trotskismo”, ligado a Abelardo Ramos na Argentina, que criticava o POR pelo seu “sectarismo”, por não apoiar abertamente o MNR, acusando-o de boicotar a revolução nacional. Hoje, queremos discutir um aspecto de um escrito que sintetiza as críticas dos revisionistas. É uma obra apresentada por Alicia Sagra, chamada “A Internacional, uma luta permanente contra o sectarismo e o oportunismo”, texto que foi lançado pela LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores) de Moreno há alguns anos.

Interessa-nos este trabalho porque dedica três capítulos a analisar a intervenção do POR. Confere uma importância extraordinária à Revolução, porque diz que “o desvio pablista teve consequências desastrosas para a Quarta Internacional, e a consequência mais trágica ocorreu na Revolução Boliviana de 1952”, diz: “A Bolívia foi talvez o único país onde tenha havido a possibilidade de uma seção da Quarta Internacional tomar o poder durante o período pós-guerra”.

Se fosse coerente com essas afirmações, os morenistas deveriam estudar a fundo como a Revolução de 1952 foi desencadeada, quais foram seus antecedentes, se era possível à classe operária tomar o poder em 1952. A seguir, Alicia Sagra afirma que “o POR boliviano era co-liderança das milícias e era co-liderança da COB, a Central Operária Boliviana, que havia sido criada”, que, portanto, tinha condições de tomar o poder. A morenista acha que assim já era suficiente para a classe operária tomar o poder, ignorando qual era a realidade do movimento operário, da luta de classes no período anterior e qual era a situação do POR. Guillermo Lora demonstrou que a classe operária não estava madura para tomar o poder em 1952. Não estava madura porque o Partido estava desorganizado, porque o Partido havia sido dizimado pela repressão do ano de 1949, muitos dos seus dirigentes estavam no exílio, e não só estava enfraquecido organizativamente, como também marcado por um sector da militância que tinha alguma ilusão no movimentismo, no MNR. Guillermo reconheceu que foi um erro não o combater fortemente, porque esse erro mais tarde permitiria a influência do pablismo, que acabou dividindo o partido no ano de 1954. Um sector do POR, efetivamente, foi para as fileiras do MNR. Foi uma luta extraordinária.

Por que é tão importante conhecer essa história? Porque temos de explicar por que o MNR se potenciou e foi reconhecido pelas massas como a sua direção, como o partido que encabeçaria a revolução, que supostamente iria resolver todas as tarefas. O período anterior à revolução é caracterizado por um golpe contra o MNR, por uma perseguição contra ele, e o MNR aparece como o partido que enfrentou os barões do estanho. Esse momento da história não pode ser ignorado.

Por que é importante? Por que os adversários do POR escondem essa luta, a enorme luta que ocorreu naqueles anos até a cisão do grupo pablista? Por que a esquerda internacional não se posiciona, não explica essa luta tenaz de Guillermo Lora em defesa do Programa de Transição, defendendo as principais teses do trotskismo e defendendo o programa do Partido contra esse desvio, contra aqueles que sustentavam na Bolívia a posição de “apoio crítico” ao MNR, que era a linha do Secretariado Internacional? Simplesmente porque aqueles que criticavam o pablismo deveriam ter se colocado na trincheira de Guillermo Lora, defendido a linha, defendido o trabalho de Guillermo Lora, defendido sua luta contra o desvio pablista. É por isso que eles têm de esconder toda essa história. Têm que mostrar grosseiramente, como fez Libório Justo, que re-

produziu grande número de documentos da Revolução, e que depois foram usados pelos revisionistas para atacar o Partido, para dizer que bastava o POR dizer “todo o poder à COB”, para que magicamente a classe operária tomasse o poder. Isso é simplesmente um disparate, uma falácia, porque não explica como a classe operária iria tomar o poder e resolver a experiência com o nacionalismo, com o Movimento Nacionalista Revolucionário, simplesmente dizendo que “a COB tome o poder”, pois, certamente naquela primeira etapa da Revolução de Abril para as massas a COB era o mesmo que o MNR, era o mesmo que o governo, não havia uma diferenciação clara sobre a política das organizações.

O livro de Alicia Sagra expressa a política do morenismo, não é por acaso que o dedica a Nahuel Moreno. É curioso que nessa história, que pretende ser uma história da Internacional, uma história da Quarta Internacional, não se refira ao fato de que Moreno iniciou em 1954 sua política de aproximação com o peronismo, justamente seguindo a orientação de Michel Pablo, que era entrar no movimento nacionalista, tarefa essa que Moreno cumpriu dois anos depois dissolvendo sua organização dentro do movimento peronista e essa dissolução se prolongou até o início dos anos 1960. Essa parte da história da política de Moreno é expressamente escondida, mesmo estando claro que Moreno realizou a política que o pablismo, o revisionismo, recomendou desde a Internacional, e que Guillermo Lora combateu.

Por fim, gostaria de apontar duas questões que têm a ver com essa má-fé, pois, na tarefa de reconstrução da IV Internacional não é possível fazer um acordo oportunista com essas correntes, é preciso fazer um balanço muito profundo de seus erros, seus desvios, suas capitulações. A reconstrução da IV Internacional é uma tarefa árdua, e um balanço profundo não pode ser omitido. A reconstrução da Quarta Internacional só pode ser baseada em um programa, em princípios, com base no Programa de Transição e nas teses da Revolução Permanente. Na crítica morenista, feita no livro de Alicia Sagra ao POR boliviano e a Guillermo Lora, se refere a um suposto “seu sectarismo”, porque “a todo momento levantam a ditadura do proletariado” e a todo momento “propõem que a revolução é necessária”. É justamente isso que exigimos e é isso que o POR boliviano ensina, que o partido da classe operária deve sempre mostrar sua estratégia. Mostrar que não há alternativa, outra saída para a humanidade, que não seja a da revolução social, que não seja a da ditadura do proletariado. É o que criticam os revisionistas. E também criticam, no mesmo texto, dizendo: “o outro lado do sectarismo do POR boliviano é o seu oportunismo” e criticam a Assembleia Popular porque diz que ela foi uma expressão da frente popular, da aliança com a burguesia em nome da frente anti-imperialista, isso sem se dar ao trabalho de explicar o que foi a experiência da formação da Assembleia Popular, seu confronto com o governo Torres, quais foram as críticas e autocríticas que o próprio POR boliviano fez sobre sua intervenção na Assembleia Popular e, claro, omite que a política da frente anti-imperialista foi formulada no IV Congresso da III Internacional, que os morenistas dizem reivindicar.

Por fim, quero ressaltar que a melhor homenagem que podemos prestar a Guillermo Lora é intervir nesta aguda luta de classes que ocorre no mundo, que tende a transformar a guerra comercial em uma guerra aberta, em um profundo processo de destruição de forças produtivas, de barbárie social, que é essencial resolver a crise de direção, e que devemos nos apoiar no trabalho monumental que Guillermo Lora e o POR boliviano realizaram.

A Contribuição de Guillermo Lora ao Desenvolvimento da Consciência de Classe do Proletariado Boliviano e o Programa do POR

Alfonso Velarde POR - Bolívia

Gravação realizada em 20 de maio de 2023

Bem, primeiramente saúdo os camaradas, Atilio, do Brasil, Ramón, da Argentina, os camaradas do CERQUI que estão participando deste ato e os amigos que também estão presentes.

Acredito que o papel desempenhado por Guillermo Lora no desenvolvimento da consciência política do proletariado boliviano e a presença do POR na luta de classes no País é algo evidente, que se mostra em toda a sua profundidade nos 70 volumes da obra de Guillermo Lora. Neste longo processo se encontra como, quase dia a dia, Guillermo esteve atento ao que ocorria na realidade concreta. Encontram-se as respostas, a partir do ponto de vista da aplicação do marxismo às massas, para orientá-las no caminho de que a única forma de superar o atraso e a miséria neste país, a Bolívia, (como os camaradas assinalaram, um dos países com o capitalismo atrasado mais profundo), é a de uma revolução dirigida pela classe operária, não há outra saída. Não é uma simples afirmação teórica, é o produto da própria experiência das massas. Guillermo soube sintetizar e converter em teoria, de uma forma genial, diríamos, para a dar às massas em luta e, particularmente, à classe operária que, por sua condição de classe não proprietária, corresponde dirigir a luta pelas transformações necessárias deste país - afundado na miséria e no atraso - e dar à luz a nova sociedade, que terá de ser uma sociedade socialista, onde a grande propriedade privada, como base da estrutura econômica, terá sido destruída.

Gostaria de ler um parágrafo do que Guillermo escreveu na introdução de uma das publicações da famosa Tese de Pulacayo. Diz o seguinte, para se referir por que a Tese de Pulacayo penetrou profundamente na consciência das massas na Bolívia: “Os mineiros em 1946 desembocavam em prelúdios insurrecionais, sob a forma de greves, e já se verificava o que mais tarde se tornaria um costume nas minas: as paralisações transformavam os sindicatos em verdadeiros governos das regiões convulsionadas.... [A Tese] assentou a discussão em torno ao destino da luta de classes, ao choque cotidiano entre os trabalhadores identificados com a propriedade social dos meios de produção e os empresários que encarnavam a grande propriedade burguesa, amparada pela constituição, pelo parlamento, pelo ordenamento jurídico, etc. O proletariado boliviano (numericamente pequeno e culturalmente atrasado) colocou-se politicamente na vanguarda dos seus iguais do continente americano, pois alcançou converter-se na coluna vertebral das assembleias populares dos anos setenta.”

Por que tomo estes parágrafos de Guillermo? Porque Pulacayo marcará o momento em que a luta instintiva dos mineiros contra o poder da grande mineração feudal-burguesa se conjugou com a resposta política revolucionária

à ação dos trabalhadores, que, de fato, conscientemente ou não, atropelaram a grande propriedade privada dos barões do estanho. Então, é assim que o instinto comunista dos mineiros se eleva à condição de consciência revolucionária, pela aplicação da teoria da Revolução Permanente e do Programa de Transição pelo partido, através de Guillermo. E aqui está a chave para compreender por que o POR na Bolívia conseguiu penetrar tão profundamente na consciência do proletariado e fundamentalmente dos mineiros. O fato é que não podemos atribuir tudo à genialidade de Guillermo, que era obviamente um marxista em toda linha, que tinha lido Marx e Lênin de A a Z, que tinha aprofundado o conteúdo do que é marxismo, e que poderá aplicar essa teoria revolucionária e científica àquilo que os trabalhadores estão fazendo na prática. Para que isso ocorra, têm de confluir, em um determinado momento da luta de classes, o instinto comunista das massas, que estão pedindo uma resposta à sua luta, e o partido, capaz de a dar com base no que os operários estão fazendo.

Aí está a chave do êxito da Tese de Pulacayo. Agora, deram-se também uma série de circunstâncias particulares. O fato de que o jovem proletariado mineiro não havia tido nenhuma ou muito pouca influência das correntes da social-democracia, do anarquismo etc., que se deram no campo do movimento marxista no mundo, deve ser considerado. Tratava-se de uma classe virgem politicamente. Por outro lado, o MNR, expressão nacionalismo burguês – que havia sido parte do governo Villarroel, derrubado pelo golpe orquestrado entre o PIR, expressão do stalinismo na Bolívia naquela época e a rosca mineira feudal – estava sendo perseguido e não pôde participar do Congresso de Pulacayo,

com sua própria política, sua própria tese. Ou seja, havia um campo livre para que as ideias do POR, através de Guillermo Lora, pudessem ser as que fossem acolhidas, uma vez que essas ideias estavam dando uma resposta muito concreta ao que os operários viviam e pelo que lutavam.

A burguesia feudal (os barões do estanho) constituía, como já foi qualificado com muita precisão, um Estado que manejava o país em função de seus próprios interesses, além do que mantinha uma exploração bárbara sobre os trabalhadores mineiros. Toda a economia do país girava em torno à produção de estanho dominada e controlada pelos grandes mineiros que eram uma potência mundial, embora fossem nacionais, como Patiño, eram expressões do capital financeiro mundial, expressões do imperialismo.

Esse Estado manejava o país como se fosse sua fazenda, totalmente submetido a seus interesses particulares, em condições bárbaras de existência, especialmente pelo problema da opressão da grande massa indígena campo-

Guillermo fica impressionado ao ver o marxismo vivo, como o que havia lido em Marx, se realizando de maneira concreta. A ação do proletariado que em sua luta ataca a grande propriedade privada e está colocando inconscientemente, como instinto, a ânsia de acabar com ela, porque isso eram as greves que tomavam conta das minas.

nessa, submetida à “pongagem”, ao trabalho gratuito. A essa burguesia feudal, por isso se chamava assim, burguesia, porque tinha um pé na economia capitalista mundial e o outro no sistema feudal de exploração do campesinato. Essas condições e, ademais, nesse momento, a experiência da Guerra do Chaco havia despertado em toda a sociedade, em toda a Bolívia, o convencimento de que era necessário mudar o país, realizar uma mudança profunda, já não se podia seguir suportando o regime da burguesia feudal. É nessas condições que o jovem Guillermo se viu obrigado a se refugiar nas minas, por causa da perseguição que recaiu sobre ele, quando o grupo de jovens po-
 ristas em La Paz começou a fazer propaganda revolucionária, murais etc., referindo-se à IV Internacional, o que despertou a repressão contra eles. Nas minas, Guillermo vai se encontrar com a classe. Vai se surpreender, vendo que como essa classe, quando, por exemplo, fazia uma paralisação ou greve, tomava o controle da mina e se convertia em autoridade. É a classe que governa praticamente, decide sobre toda atividade, sobre a produção, quem entra e quem sai das minas. Guillermo fica impressionado ao ver o marxismo vivo, como o que havia lido em Marx, se realizando de maneira concreta. A ação do proletariado que em sua luta ataca a grande propriedade privada e está colocando inconscientemente, como instinto, a ânsia de acabar com ela, porque isso eram as greves que tomavam conta das minas. Os mineiros haviam suportado periodicamente massacres. Então, é nessas condições concretas que Guillermo tem a habilidade e a capacidade de dar uma resposta revolucionária marxista ao que as massas estavam fazendo. E aí o proletário mineiro deste país ficará marcado a fogo pela Tese de Pulacayo, que postula que na Bolívia, um país capitalista atrasado, não é mais possível que burguesia possa resolver as tarefas democráticas pendentes e, por isso, essas tarefas passam para as mãos do proletariado minoritário, atrasado e inculto, mas, por sua condição de classe não proprietária, está destinado a dirigir o conjunto da nação oprimida, destinado a destruir a propriedade privada e a estabelecer a ditadura do governo operário-camponês. Este é o núcleo da declaração da Tese Pulacayo. E os operários que estão realmente violentando a propriedade privada dos grandes barões do estanho vão agarrar-se profundamente a essa ideia.

Toda a luta dos mineiros ao longo do sexênio, dos seis anos do governo oligárquico, depois do golpe contra Villarroel, vai estar orientada sob essa ideia: estabelecer o governo de operários e camponeses. É esta geração de operários que, no ano de 1952, transformará o que era uma tentativa de golpe palaciano, no qual o MNR estava implicado, em uma revolução social, que acaba com a burguesia feudal. Retira o poder dos barões do estanho; mas essa classe operária que havia se empapado da ideia de estabelecer, como uma necessidade para o país, o governo operário-camponês, no entanto, não havia amadurecido politicamente o suficiente ou não teve a oportunidade de distinguir no MNR, que não era a expressão daquela estratégia, e sim era muito mais sua negação. O MNR, para eles, se apresenta como revolucionário, igual ao POR. Guillermo contava que muitas vezes os mineiros lhe disseram “porque brigam se no fundo são o mesmo?”.

Bem, por isso, esses operários - e em geral todos os setores oprimidos - foram massivamente engrossar o MNR e o potenciaram. Nessas circunstâncias, se funda a Central Operária Boliviana (COB), onde o POR está presente pela grande influência que tem como autor e defensor da Tese de Pulacayo. Mas essas massas acreditam fervorosamente que o MNR é expressão da Tese Pulacayo; e os operários acreditam fervorosamente que estão no poder. Por isso,

como assinalou Ramón há pouco, é um disparate estabelecer que o POR traiu e fez fracassar os operários ao não dizer “todo poder à COB”, porque os operários acreditavam que estavam no poder através do MNR, eles acreditavam que era a expressão do governo operário-camponês. Agora, nessas circunstâncias, o que o POR fez? O que Guillermo fez? Apontou: não será possível superar o MNR, se não conquistarmos as massas, são as massas que devem derrubar o MNR e não existe outro caminho. Onde as massas teriam de estar organizadas? No POR, por meio do POR, politicamente dirigidas pelo POR, foi o que Guillermo levantou contra as propostas que surgiram dentro do próprio partido. Alguns, por entrismo, se meteram no MNR, com o argumento de que de dentro de sua ala esquerda eles iriam transformar o MNR em revolucionário, e a outra corrente, a “pablista”, que dizia que já não havia tempo de organizar outro partido diferente do MNR. O que tinha de ser feito era conduzir as massas, que supostamente galopavam para a tomada do poder; para que tomassem o poder e superassem o MNR. O que deveria ser feito, segundo eles, era empurrá-las, não conquistá-las, mas empurrá-las para que, pela ala esquerdista do MNR, o lechimismo, acabassem com Paz Estenssoro e instalassem o governo operário-camponês, já não havia tempo para que o POR se organizasse e conquistasse as massas por cima do MNR ou o combatendo.

Para o POR, para Guillermo, a revolução é feita pelas massas; as massas fazem a revolução se estiverem organizadas em torno de seu partido; e a tarefa do partido é a de desnudar o MNR perante as massas, mostrando as suas limitações como partido pequeno-burguês que iria trair todas as reivindicações; que as massas impusessem desde a COB as transformações, como a reforma agrária e a nacionalização das minas. O governo do MNR levou essas medidas adiante, deformando-as para salvar o princípio da propriedade privada. A Tese de Pulacayo estabelecia a tomada das minas pelos trabalhadores, sem indenização nem reconhecimento de nada. O MNR compra as minas, paga indenizações aos barões do estanho. A reforma agrária: a Tese Pulacayo reivindicava a terra para quem nela trabalha, para os camponeses, mas na forma de propriedade coletiva, sem destruir as fazendas como unidade produtiva. O MNR, para combater a pressão socializante da classe operária e do POR, parcela a terra e entrega a cada camponês junto com seu título de propriedade individual e um fuzil velho, dizendo “para vocês defenderem sua parcela, agora sua propriedade, frente aos trotskistas que querem tomá-la de vocês”.

Essa orientação política de Guillermo salvou o partido, porque de outro modo o POR teria desaparecido, como o pablismo desapareceu. O POR sobreviveu e saiu fortalecido a partir desse período, precisamente porque se diferenciou do MNR e desenvolveu um combate teórico e prático contra o MNR, visando a que as massas superassem esse obstáculo, esse preconceito, no sentido de que o MNR era uma expressão da Tese de Pulacayo e era tão revolucionário quanto o POR.

Quando as massas vivem a experiência do fracasso do MNR que, no discurso se mostrava furiosamente anti-imperialista, acaba de joelhos diante do imperialismo, aplicando as medidas do “Plano Eder”, da terrível desvalorização monetária para combater a inflação etc., os mineiros começam a entrar em conflito com o MNR. É aí que os “pablistas” dizem: “bem, este é o momento em que as massas estão marchando a galope para tomar o poder”. Aqui não há necessidade de que o partido se diferencie em nada. As massas serão as que o expulsarão do poder, pressionando o setor da esquerda do MNR e eles vão nos chamar. Nada



Instala-se a ditadura de Barrientos, saída do ventre do MNR, que se caracterizou por tentar afogar em sangue o movimento mineiro radicalizado.

Quando a ditadura de Barrientos cai, o proletariado novamente aparece com suas bandeiras intactas, em grande medida graças ao trabalho do POR, retomando as bandeiras de Pulacayo e passa longe do nacionalismo requeitado e tímido de Torres, que já não chama sua atenção. Eles viveram o nacionalismo e não se podia voltar a oferecer o mesmo. As massas ganharam as ruas com o grito de socialismo, “queremos socialismo”. Assim, nasce a Assembleia Popular. Assim, o POR se potencia politicamente. Toda a esquerda tem de acabar submetendo-se às propostas dos poristas na Assembleia Popular, mesmo naquele momento quando o POR tampouco era um partido de massas. Mas a força política, a importância política que tinha nas massas era, portanto, avassaladora, porque as massas atuavam com as ideias da Tese Pulacayo, quer dizer, com as ideias do POR. Aí é quando vem o golpe preventivo dirigido por Banzer, planejado e impulsionado pelo imperialismo - o famoso Plano Condor -, para cortar pela raiz as massas que se propuseram a estabelecer seu próprio governo. É aqui que vai se produzir uma inflexão política, podemos dizer. O fato de que a Assembleia Popular não ter conseguido materializar seu propósito vai trazer como consequência que as massas recuem em suas posições políticas e especialmente a classe operária. A velha esquerda, o estalinismo e as correntes reformistas de esquerda, que haviam participado da Assembleia Popular e assinado as propostas da Assembleia Popular, claramente inspiradas nas formulações trotskistas etc., retomam sua linha reformista, e dizem: “bem, vamos fazer um balanço, fomos longe demais, não deveríamos ter dito isto, deveríamos ter apoiado Torres, dado a ele um apoio crítico.” Isso defendia o argentino Abelardo Ramos. Também nessa época reapareceu uma corrente chamada “Grupo Outubro”, que defendia o apoio crítico ao governo Torres. Então, disseram que, para nunca mais cometer esse erro, primeiro há que desenvolver a democracia, uma democracia forte que seja um obstáculo para que nunca mais ocorram golpes militares. E isso vai calar na consciência das massas; não é que renunciassem totalmente à sua estratégia, mas dizem que é para um futuro, agora, primeiro vamos ajudar a democracia a se desenvolver.

O POR novamente, tendo a sua cabeça Guillermo, sai contra essa posição, dizendo que a democracia neste país, nestas condições, é inviável, e explica por quê. Ocorre que

disso aconteceu.

As massas têm de viver toda essa experiência para se desligar do MNR. E depois, quando o MNR perde a influência e não pode mais controlar essas massas, é que vem o golpe fascista de Barrientos.

essa democracia vai ser uma farsa total, não pode se desenvolver nas condições de um país capitalista atrasado, pior, nas condições de extremo atraso do país, onde há uma classe média majoritária, tremendamente pobre e, portanto, extremamente explosiva, que não permite o jogo democrático, que tenta resolver seus problemas nas ruas e com ação direta, não por meio do parlamento.

Esse retrocesso na consciência da classe operária, de que a luta agora é pela democracia, se confunde com o problema da luta pela vigência das liberdades democráticas, que se confunde com a luta pela democracia burguesa.

O POR vai se manter firme nessa linha e as massas passam a vivenciar todo o fracasso da democracia burguesa, em todas as suas expressões neoliberais, e agora com o reformismo indigenista, onde toda a velha esquerda está metida de cabeça, totalmente corrompida; meteram-se no governo, juntaram-se ao MAS para roubar. Assim, desapareceram, já não há mais Partido Comunista, já não há mais Partido Socialista, já não há nenhum dos partidos que se autodenominavam de esquerda e revolucionários. No cenário político boliviano, apenas resta o POR e continua sendo, mesmo nessas condições desfavoráveis de retrocesso da classe operária na luta pela instauração do governo operário-camponês, a única referência revolucionária para as massas e por isso é vigente. Por isso a burguesia tem de nos atacar, por isso a burguesia tem de estar permanentemente em confrontação com o POR. Por exemplo, agora, ultimamente, no conflito do magistério. Toda a propaganda do governo foi dirigida contra o POR e contra seus militantes que mais se destacaram. Por quê? Pela posição nesta luta dos professores, dirigida pelas lideranças dos sindicatos de professores que controlamos, deixando claro que o problema da educação não vai se resolver com as propostas que o governo faz; que a luta é para transformar de uma vez a sociedade frente ao fracasso, não de um governo, mas do fracasso do sistema político burguês, de seu esgotamento total. Neste país não haverá educação nem saúde, ou trabalho, não será possível resolver esses problemas, se não acabarmos com essa classe parasitária, que é a burguesia, e com as ideias de toda a velha esquerda. O governo tem de descarregar contra nós toda a sua artilharia propagandística, com todo tipo de mentiras. O POR está vigente no país. Estamos a dois anos de completar noventa anos de existência, em 2025, que coincide com os duzentos anos do país. Significa que, em quase metade da vida republicana deste país, o POR esteve presente na luta de classes, diríamos no debate, no calor da luta de classes pelo destino deste país.

Vivemos uma etapa de retrocesso da vanguarda mineira, agravada pela famosa realocação, que fechou as minas e dispersou o setor politizado, mais consciente, mais forte, mais combativo. A geração de mineiros educados nas ideias da Tese de Pulacayo foi dissolvida, agora há um jovem proletariado, que de alguma maneira agarra e mantém a tradição da velha geração de operários revolucionários, mas que não viveu toda essa experiência, mas, para eles, atualmente, a única referência revolucionária é o POR.

Nós vamos às minas, por exemplo, e somos a única tendência que discute com eles sobre o problema das limitações do MAS, para ajudá-los a superá-lo. Por isso, aos camaradas, aos militantes do POR boliviano, dizemos que não devem se desesperar, o POR está vivo, mais vivo do que nunca e o futuro é nosso com certeza. Não pode haver Revolução neste país, se não for com o POR. Ou a revolução é feita com o POR, ou a barbárie se imporá.

Obrigado.

Guillermo Lora e o Desenvolvimento do Partido-Programa de Estrutura Bolchevique em um País Atrasado. Significado Internacional para o CERQUI e a Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional)

Ariel Roman - POR Bolívia

Gravação realizada em 20 de maio de 2023

Boa noite, camaradas, uma saudação a todos os camaradas do Brasil, da Argentina, aos camaradas do Chile que conseguiram entrar e a todos os militantes do partido aqui na Bolívia.

Quero começar por onde terminou Alfonso. O recente conflito social no mês passado no país, protagonizado principalmente pelos professores, colocou o POR o trotskismo, a URMA, a organização paralela do POR no magistério, no centro da tormenta. O governo se esforçou para desacreditar, para isolar, para impedir que os pais de família e os diferentes setores manifestassem sua simpatia, para tentar perseguir, processar judicialmente, prender os dirigentes, ou seja, o POR esteve no centro da tormenta.

Alguns meses antes, em torno da questão da Reforma, do tema das aposentadorias e da criação da Gestora Pública, e da decisão do governo de dispor que os lucros das empresas mineiras estatais irão engrossar o Tesouro Geral da Nação, se desenvolveu em contraposição uma explosão dos trabalhadores mineiros, que vem desde baixo, desde as bases, que se impôs à burocracia sindical, aos dirigentes desde baixo. O mal-estar, o descontentamento e o temor de que essa medida governamental terminasse pondo em risco sua fonte de trabalho os levam a sair às ruas para se mobilizarem e colocarem contra a parede a burocracia sindical e a reclamar: “Onde está o POR? Camaradas, onde estão perdidos? Por que nos deixaram? Nós queremos voltar a saber como vamos fazer para pôr em vigência as Teses de Pulacayo”. Creio que estas coisas dão a medida de que a vigência do POR vai mais além da vida de Guillermo Lora.

Faz catorze anos que Guillermo não está entre nós, que Guillermo morreu, mas segue vivo nesta luta de classes, nestas ações das massas oprimidas que se levantam contra o governo burguês do MAS, contra o capitalismo em decadência e totalmente esgotado, contra a impossibilidade da classe dominante de dar pão, trabalho, educação, de garantir as mínimas condições de existência às massas. As massas se levantam e põem no alto a bandeira do POR, do trotskismo, das Teses de Pulacayo. Revivem Guillermo, Guillermo Lora se nega a morrer, segue entre nós, está aí e rebrota e sai de baixo o impulso elementar das massas em luta.

Como pode ser possível isso? Porque o POR não seguiu a sorte de muitos partidos antes de nós, que, junto à morte do dirigente mais importante desse partido, o partido terminou morrendo. É o caso do PRIN, por exemplo, Partido da Revolução da Esquerda Nacional, organizado pelos lechínistas, por Juan Lechín Oquendo, já não existe, morreu Lechín, morreu o PRIN. É o caso do PSOB, organizado na ruptura com o POR em 1938 por Tristán Marof. Ninguém se recorda de sua existência. Não existem porque nenhum desses partidos chegou a ser o que chamamos e entendemos como partido-programa. Este é o legado mais importante de Guillermo Lora: o programa, o partido-programa. Mas, o que é este programa? É a síntese crítica, à luz do marxismo, da experiência da luta de classes do proletariado, das massas oprimidas, do empenho dos militantes poristas, de quererem organizar o proletariado para que tome o poder, para que acabe com as cadeias de sua opressão e sua exploração, para que possa libertar-se, para que possa pôr em pé um mundo melhor. Estas massas que se levantam para resolver o problema do dia, do pão de cada dia, do trabalho, da educação e da saúde, e que ao levantar-se irão pôr em questão o destino do governo, o destino do poder político, da propriedade privada, do próprio sis-

tema capitalista, de uma maneira instintiva e elementar.

Esse é um fenômeno que ocorre não só na Bolívia, mas em todas as partes do mundo, observado quando o proletariado e as massas se levantam contra a ordem estabelecida, pondo em questão o destino do poder político. Estamos vendo isso na França; vimos no ano 2000 na Argentina. Temos visto regularmente que isso ocorre, mas, aqui na Bolívia, há uma diferença, a intervenção do POR que conseguiu dar forma política a essa rebelião instintiva, que conseguiu expressar como este impulso aponta para pôr em pé o governo operário e camponês, aponta para materializar a destruição do capitalismo, aponta para substituir a propriedade privada pela propriedade social.

O POR tem se esforçado para dar forma política consciente a essa rebelião, e esse empenho tem se traduzido no conhecimento das particularidades nacionais. Os militantes do partido, empenhados em organizar a classe, em organizar as massas, irão terminar conhecendo-as, porque não se pode atuar politicamente no seio de nenhum setor do proletariado, nem de nenhum outro setor que compõe a nação oprimida, se não se conhecem seus problemas fundamentais. Mas não se trata de um conhecimento formal, que alguém pode encontrar em qualquer livro estatístico ou em qualquer informação de investigação que abunda nas universidades. Não estamos falando de um estudo acadêmico.

Conhecer as particularidades nacionais, para nós, para os militantes trotskistas, só tem um sentido. O sentido de que vamos buscar o instinto comunista, vamos buscar o impulso elementar do proletariado e das massas oprimidas que aponta para acabar com a ordem capitalista, com a ordem vigente; para nós, isso é o que tem de ser encontrado, tem de ver por onde corre esse instinto comunista. Os mineiros de Colquiri, aos quais fazia referência, quando se levantaram contra a pretensão do governo, imediatamente apontaram para tomar o controle da mina, como explicava Alfonso. Isto é recorrente, e esse instinto comunista tem uma história, tem uma tradição, tem uma maneira de se concretizar e de se organizar, avança e retrocede, é contraditório e, além disso, expressa a particularidade do país. Por exemplo, na Bolívia, está mais presente a ação elementar instintivamente comunista no proletariado mineiro e depois no fabril, mas não tanto no setor da construção, porque aí pesa muito a origem pequeno burguesa da maior parte dos proletários do setor da construção e suas ligações com o setor camponês e, então, embora esteja aí o instinto comunista, não possui a clareza, a precisão e a projeção revolucionária que adquirem as lutas sociais no país quando explode no setor mineiro. Esta gravitação do proletariado mineiro é resultado da forma particular da constituição, da penetração do capitalismo na Bolívia, situada na cordilheira dos Andes sobre uma montanha de minerais. A possibilidade aberta por esta forma peculiar da penetração capitalista, de que o proletariado mineiro, o mais concentrado do país, se converta em direção da nação oprimida, a possibilidade de seu agigantamento político, se torna realidade com a intervenção do partido, que lhe dá forma política consciente a sua luta.

Como podem ver todos vocês, estas questões estão sintetizadas no programa do POR. Guillermo Lora produziu muitos textos falando da mecânica de classes, criticando, analisando e expressando, tratando de compreender a natureza contraditória dos distintos fenômenos etc.

Como pode ser possível então que esse programa se expresse através de um setor pequeno burguês como é o magistério, ou em seu momento a universidade? E é que, justamente ao compreender a mecânica das classes em um país atrasado como a Bolívia, chega-se ao convencimento de que o proletariado não poderá tomar o poder se não conseguir ganhar para sua causa a nação oprimida. A experiência do POR é isso, o proletariado mineiro, a partir das Teses de Pulacayo, consegue se estabelecer como direção da nação oprimida, mas isto tem de ter, para a ação do partido, uma concretude efetiva, real, pois se trata de que o partido penetre também nesses setores não proletários, para os alinhar sob a perspectiva revolucionária do proletariado. E isso exige aplicar o programa do proletariado, o programa do POR, o método marxista para conhecer os problemas de cada setor. O POR tem desenvolvido um programa para intervir em cada setor, que é simplesmente a aplicação do método marxista e do programa trotskista geral para conhecer essas particularidades. Como veem, o problema do partido programa é a chave.

O POR consegue sobreviver, existe, mantém vigência e, como disse Alfonso, o futuro é nosso, porque somos um partido programa, porque temos conseguido conhecer as leis da revolução boliviana, porque temos conseguido desvendar a mecânica de classes do país e entender como os impulsos elementares do proletariado apontam para refundar a sociedade sobre bases comunistas, sobre bases revolucionárias, apontam para o governo operário e camponês. Isso é o que o POR tem conseguido fazer, essa é a ideia central da experiência que Guillermo que vai sintetizar em sua vida de militante revolucionário; vai encarnar essa experiência e vai deixá-la para nós como o legado do programa do POR, dos 70 tomos de suas Obras Completas. Tudo isto torna realidade uma velha conclusão dos marxistas, dos clássicos, que dizem que a revolução proletária em nossa época é nacional por sua forma, internacional por seu conteúdo, e a experiência do POR reitera isso. Temos conhecido o que é este país, temos penetrado para desvendar as leis da revolução boliviana, mas entendemos que estas leis, como disse Trotsky, não são mais que a concretização, a forma como se refratam as leis gerais do capitalismo em um contexto geográfico e cultural particular.

A experiência do POR confirma esta conclusão do marxismo: a revolução em nossa época é nacional por sua forma, internacional por seu conteúdo. Quando o POR consegue dar forma política ao instinto comunista do proletariado em sua forma nacional, na realidade está entroncando-se com a luta internacional da classe operária, porque o proletariado como classe a nível internacional, como classe despossuída de toda forma de propriedade dos meios de produção, é instintivamente comunista. O instinto comunista do proletariado é mundial, é internacional, mas, claro, se expressa de maneira diferente em cada região, em cada país, se encarna nas lutas concretas que os operários enfrentam em cada lugar, e aí se manifesta e, ao expressá-lo, estamos no plano da luta de classes que se entronca no terreno internacional. Por isso é que a experiência do POR pode ser assimilada e generalizada. Claro, podemos prever, nenhuma revolução é igual a outra, todas as revoluções são expressões do processo peculiar de cada lugar, da luta de classes de cada país, de cada região. Não podemos prever, mas podemos assimilar e compreender o método, compreender a discussão sobre o partido programa.

A transcendência disso, obviamente, tem de ter sua correlação com a ação do partido. O POR teve a tragédia de praticamente se desenvolver à margem da IV Internacional. Como os camaradas já explicaram, que mostraram com muito detalhe como foi a relação acidentada, complicada do POR com a internacional. O POR sempre teve a compreensão de que a revolução não pode ser em um só

país, isto desde que nasceu. Mas, resulta que a IV Internacional não ajudou o POR que se tinha entroncado com as massas, que tinha conseguido dar forma política ao instinto comunista da classe. Diante da façanha das Teses de Pulacayo, a IV Internacional não entendeu bem o significado daquilo e muito dificilmente poderia orientar o POR no âmbito da organização.

O POR vai compreender o que realmente é um partido bolchevique a partir de sua própria experiência no empenho de organizar e penetrar na classe. “Avançávamos tateando”, uma vez afirmou Guillermo. Por esse caminho, depois de incorrer em não poucos erros, redescobrimos Lênin. O “Que fazer” de Lênin acabou sendo redescoberto pelos militantes trotskistas, que compreenderam a transcendência da célula e como em um país capitalista atrasado, em decomposição, em qualquer país, em qualquer cenário internacional, esta, a estrutura de um partido centralista democrático organizado em células de militantes, é a estrutura do partido que corresponde à natureza de classe do proletariado. Então as células se voltam a converter no pivô da intervenção dos militantes no seio das massas. Através dela estes militantes puderam conhecer as massas, com as quais estão atuando, e puderam ajudar o partido a dar forma política à sua rebelião. Ou seja, ajudaram a desenvolver o programa, aperfeiçoaram o desenvolvimento do programa, foram parte da elaboração coletiva do programa do partido. Essa experiência só pôde ser feita através de um partido que está nas massas e que, além disso, aprendeu a manejar a ferramenta do centralismo democrático, da crítica e autocrítica.

Hoje, esta é uma experiência muito rica entre nós, com avanços, com retrocessos. Custou-se muito tempo para se chegar a compreender esse problema. Agora mesmo, enfrentamos a discussão com toda essa avalanche de gente que vêm ao POR proclamando sua adesão ao trotskismo, mas que na realidade não está de todo formada e não compreende muito bem a mecânica de nossa organização. Mas essa experiência está aí e Guillermo Lora a concretizou em letras de forma. Guillermo escreveu teoria sobre a organização, esse monumento ao avanço organizativo, a concretização do programa em organização que é, por exemplo, os textos escritos sobre “O partido e sua organização”, o “Manual do organizador”, a “Teoria marxista do partido político”, que são uma valiosíssima contribuição neste terreno.

Tudo isto é o que a experiência do POR permite oferecer para impulsionar o desenvolvimento do Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional), e o que dizia, como elemento geral, toda esta experiência ratifica um fundamento: a revolução é nacional por sua forma, internacional por seu conteúdo.

A experiência de luta do proletariado em uma determinada nação em torno à questão de buscar acabar com a opressão e de se organizar para isto é uma tarefa que tem de ser assimilada por todos, é o que fazem os camaradas no Brasil e o que fazem os camaradas na Argentina, o que fazem ou deixam de fazer nos nutre. Entendemos muitas questões sobre como corresponderá criar o partido e penetrar nas massas, vendo o que passa com a organização do partido no Brasil, na Argentina, em outras latitudes. Alguém pode ver aí a teoria marxista, andando viva, real, na luta de um Partido Mundial da Revolução Socialista, que busca se pôr em pé e entende que a tarefa fundamental é penetrar no proletariado de seu próprio país para poder dirigir a revolução, para ser direção dessas massas, para poder acabar com o capitalismo. E para isso necessitam uma ferramenta: desenvolver-se como partido programa.

Esse é o legado de Guillermo. Esse é o CERQUI, diante das tarefas que enfrentamos.

Viva o CERQUI! Viva o POR! Glória a Guillermo Lora!

A 14 anos do falecimento de Guillermo Lora Escobar, o Comitê Construtor do POR do Chile rende póstuma homenagem a seu enorme legado revolucionário, encarnado nas organizações do CERQUI

Hugo Caballero – Comitê Construtor do POR Chile

A homenagem abaixo não consta da gravação do Ato do dia 20 de maio, devido à impossibilidade técnica da seção chilena de participar. Foi enviado por escrito, logo em seguida. Faz parte, portanto, do Ato do CERQUI.

A 14 anos do falecimento de Guillermo Lora Escobar, o Comitê Construtor do POR do Chile rende póstuma homenagem a seu enorme legado revolucionário, encarnado nas organizações do CERQUI

Nossa militância revolucionária começou em 1968, como resultado da intervenção no sindicato de barcos pesqueiros na cidade de Talcahuano, mais especificamente numa greve por reivindicações econômicas, que foi brutalmente reprimida pelo governo de Eduardo Frei Montalva, na qual, além de ser gravemente ferido, ainda fui intimado pela justiça militar. Isto despertou o interesse de militantes do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), que me contataram. Um ano depois, o MIR se dividiu e estes militantes constituíram o MIR/FR, encabeçados por Luis Vitale e o lendário operário do salitre, o camarada Humberto Valenzuela. A divisão se deveu ao fato da ala pequeno-burguesa, dirigida por Miguel Enríquez, defender a consigna “Não às eleições, a luta armada é o único caminho”, e os militantes pseudo trotskistas apoiarem a candidatura de Allende, participando diretamente do Comitê da Unidade Popular (CUP), dissolvendo-se, quando este foi eleito Presidente da República, método burguês utilizado em toda campanha eleitoral.

Contudo, ambas frações mantiveram seu apoio à política da Frente Popular, com o fraudulento pretexto de “apoio crítico”. Subordinaram-se a ela, arrastando a classe operária, o campesinato nacional, o mapuche e todos os oprimidos na defesa da burguesia nacional e imperialista, o que representou um completo abandono dos métodos táticos e estratégicos revolucionários do proletariado, omitindo a necessária caracterização da frente popular, que deveria ser denunciada como contrarrevolucionária, uma vez que permite o ascenso do fascismo, últimos recursos que usa a burguesia para manter seu regime político. Deram as costas aos cordões industriais, aos quais Allende e os estalinistas de toda cor estigmatizavam, afirmando que estavam fazendo o jogo da direita, acusando os cordões de paralelismo sindical.

Entretanto, o instinto de classe nos orientava a diferenciar-nos da burguesia e da política da Frente Popular, quer dizer, para recuperar ativamente a luta pela independência política da classe operária e contra a falsificação própria do revisionismo estalinista contrarrevolucionário, do próprio Allende e da burguesia que o apoiava. Todos eles agiam contra o movimento operário e contra os outros oprimidos em nível nacional, que eram conscientes de sua luta pelas reivindicações econômicas, sociais e políticas, o que levou a agudizar a tensa luta entre a classe operária e a burguesia.

Dessa forma, desenvolveu-se um período revolucionário que dificultou o propósito do governo de prosseguir com a utopia reacionária de resolver pela “via pacífica” o anseio das massas de liquidar a exploração, submissão e vassalagem. Foi um levante contra o desprezo exercido pelo poder burguês parasitário, que submete toda a nação à prepotência do capital imperialista norte-americano.

Em meados de 1971, a chefia administrativa da Escola de Economia da Universidade de Concepción era exercida

por um argentino militante de Política Operária vinculado ao POR boliviano, cuja direção estava exilada no Chile, após Hugo Banzer derrubar o governo de Juan José Torres. Graças à intervenção deste companheiro, nossa organização, principalmente a célula operária e de pescadores de Talcahuano, começou a compreender o significado e a importância de assimilar os conceitos essenciais da tática, estratégia e métodos da política revolucionária do proletariado. Que este atua diretamente contra a burguesia e seus métodos, dando um significado real e concreto à luta de classes, opondo-se à burguesia e a todas as políticas de subordinação que desprezam a luta de classes ou simplesmente a omitem.

A assimilação do método da ação direta – criação da classe operária – nos permitiu atuar nos sindicatos de barcos pesqueiros e de arrasto, formando um núcleo de pescadores e operários, onde conseguimos impor o controle operário na administração, comercialização e distribuição do produto capturado pelos barcos pesqueiros e de arrasto na empresa pesqueira “Marco-chilena-Coloso”. Esta ação teve muita importância, pois propiciou a aproximação do Sindicato de Mergulhadores, que tinham a necessidade de recuperar o Porto Pesqueiro – ocupado pela ação inescrupulosa na venda de mariscos e peixes roubados dos próprios pescadores. Em unidade com nossa célula, o sindicato de mergulhadores ocupou o Porto, criando um Conselho de Administração com os dirigentes do sindicato, exercendo o controle do trabalho e propiciando o comércio regulado pelo sindicato. Dessa forma, se conseguiu organizar e manter a higiene e a cobrança dos barcos pesqueiros industriais, que atracavam no porto para se abastecer de água potável e combustível. O dinheiro levantado era controlado pela assembleia do sindicato e destinado ao financiamento dos gastos administrativos, de pessoal e higiene do recinto.

Esta iniciativa operária se transformou num polo importante de unidade dos operários, que ocuparam a Pesqueira Iquique, a Pesqueira El Golfo e a Pesqueira Unidas. A organização teve uma repercussão regional, atraindo estudantes secundaristas e universitários, abrindo contatos com operários industriais da Inchalan, CAP, empresas contratistas, trabalhadores do jornal El Sur e outros. Este setor operário – apesar do seu atraso político e cultural – desenvolveu uma nova atividade, organizando cursos de alfabetização, implementado por estudantes de vários cursos da Universidade de Concepción e Técnica do Estado, incentivando setores marginais à leitura e criação de poesias ambientais, como os poemas do falecido camarada conhecido como o “Moroco”. Em geral realizaram um trabalho efetivo de elevação das condições de vida e tentando superar o atraso político e cultural do setor. A realização destes projetos era à margem do MIR/FR.

A realidade descrita nos permitiu assistir ao Congresso do POR em 1972, com a absoluta convicção de que o novo caminho era congruente com o marxismo-leninismo-trotskismo, que representava fielmente a classe operária e todos os oprimidos, num país atrasado e de economia combinada, conceitos que assimilamos do representante da doutrina revolucionária proletária, o camarada Guillermo Lora Escobar. A defesa das conquistas alcançadas em tão curto espaço de tempo nos permitiu enxergar claramente e, à luz dos fatos, os desvios que provocavam as políticas pró-

-burguesas do pseudo trotskismo, impossível de sustentar.

Ao final do Congresso, fizemos uma reunião com o camarada Guillermo Lora que nos recebeu e fez uma palestra sobre o materialismo histórico. Já em Talcahuano, depois, fizemos um balanço do Congresso e dos avanços no trabalho prático do ponto de vista da nova orientação adotada que estávamos incorporando como nossas, auxiliados pela extensa elaboração na teoria e na prática revolucionária que recebíamos do camarada Guillermo.

Durante todo o ano de 1972, lemos “As Teses de Pulacayo”, títulos como “Bolívia: da Assembleia Popular ao Golpe de 21 de agosto”, dois tomos da Revolução Espanhola de León Trotsky, “O último prato picante do cozinheiro Stalin”, e mais de vinte livros publicados ou no prelo que formavam um arsenal teórico e prático de muita importância. A assimilação desse arsenal exigia muita disciplina militante e responsabilidade devido à agudização da luta de classes no país e no mundo, exigia o compromisso coletivo da militância da chamada Organização Marxista Revolucionária (OMR), que difundia e agitava as edições do material teórico-prático OMR, que ainda se encontram à venda nos sebos de livros usados e feiras livres. Em 1973, passamos a denominar Partido Operário Marxista Revolucionário POMR, comprometidos em divulgar e agitar mediante a edição do material teórico-prático no jornal Trincheira e na revista Ofensiva, editadas pela OMR.

A riqueza do pensamento decorria das lutas cotidianas pela melhoria das condições materiais de vida, das que fluíam as ideias com as que se constitui a teoria, no caso, a teoria revolucionária, enriquecida pela prática revolucionária que assimilamos da rica e fecunda experiência do POR boliviano. Isto nos permitiu manter no alto e defender a política da classe operária, com seus métodos de ação direta, a greve e as ocupações, utilizados historicamente pela nossa classe e por todos os oprimidos; métodos que devemos manter opondo a dura luta contra os governos burgueses que pretendem eliminá-los, usando suas leis e pela força das armas dos seus aparatos repressivos, policiais e forças armadas, que deveremos destruir. A nossa luta deve ser mantida também com a proposta de convencer esse contingente que, sendo filhos de operários, devem colocar-se no lugar dos seus pais e não a serviço dos exploradores. A tarefa consiste em convencer esse pessoal a não continuar sendo utilizados como verdugos da classe da qual provêm.

A luta por estes princípios se transformou na tarefa de reconstruir a Quarta Internacional como Partido Mundial da Revolução Socialista, que substituiu a Terceira Internacional de Lênin e Trotsky, destruída por Stalin e pelos seus sequazes. Trata-se de uma dura tarefa sustentada pelos partidos da Bolívia, Brasil, Argentina e Chile e, no plano internacional, pelo Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional – CERQUI.

A classe operária nacional e mundial herdou dos grandes pensadores da doutrina do socialismo científico – de Marx, Engels, Lênin e Trotsky e, contemporaneamente, do camarada Guillermo Lora – e o princípio fundamental do programa revolucionário, a revolução e ditadura do proletariado, quer dizer, a tomada do poder pela classe operária, que liquidará definitivamente o poder burguês baseado na exploração do homem pelo homem e todas as

formas de exploração, servidão e submissão, substituindo a democracia burguesa de uns poucos, pela das maiorias hoje oprimidas. A democracia proletária será a forma da ditadura do proletariado contra a minoria que detém a propriedade dos meios de produção. Sua luta é para transformar a propriedade privada dos meios de produção em propriedade social e reconstruir a vida da maioria explorada, vítimas da fome em todo mundo.

No Chile, a influência de Guillermo Lora e do Partido Operário Revolucionário da Bolívia nos permitiram sobreviver politicamente por 52 anos. Apesar dos eventos ocorridos no país e que nos isolaram, conseguimos manter bem alto o programa revolucionário do proletariado, permitindo-nos compreender o funcionamento da política burguesa, suas ciladas e artimanhas que são o suporte de seu poder escravizador repressivo. A crise da vanguarda proletária propiciou a proliferação de partidos e grupos pequeno-burgueses democratizantes, que se transformaram em inimigos da classe operária e defensores do regime político burguês, servindo aos governos burgueses como tem sido o governo da Michele Bachelet denominado de Nova Maioria e hoje o de Gabriel Boric, Estalinista-Frente Ampla, governos que reforçaram e aprofundaram os projetos de criação de leis repressivas que nem o governo de Piñera – tanto em 2011 quanto em 2019 – pôde concretizar. Foi assim com a questionada Lei Hinzpeter. Porém hoje se aprova uma lei mais dura como foi a Lei Naim-Retamal de “defesa privilegiada”, com caráter retroativo para permitir livrar os altos generais e suboficiais imputados por delitos de lesa-humanidade ocorridos em 2019. E o partido de extrema direita “Republicano” se permite apresen-

tar projeto, aprovado como lei, que prenderá os executores de qualquer ocupação, seja a recuperação de terras dos Mapuches, ocupação de terrenos pelos sem-teto, ocupações de fábricas, empresas ou de algum escritório particular, colégios, hospitais etc. Todas estas arbitrariedades devemos enfrenta-las com luta mediante a ação direta, do mesmo modo que os oprimidos usaram o método burguês do eleitoralismo para repudiar toda a politicagem burguesa anulando seu voto, unificando as lutas em nível regional, provincial e nacional. Dessa forma se opondo às políticas pequeno-burguesas que ultimamente tentaram desviar a intenção de luta dos operários e maiorias nacionais, e apoiaram uma reforma constitucional que nunca esteve na cabeça dos operários e oprimidos.

A rebelião popular de 2019 foi claramente contra os 30 anos de opressão dos governos ditatoriais da consertação. A rejeição de 4 de setembro de 2022 foi contra o governo e a reforma constitucional que mantinha a essência da constituição do ano 1980, ainda vigente. A rotunda rejeição aos novos constituintes é uma virada à esquerda das massas em repúdio à politicagem burguesa e pequeno-burguesa, provocando a desintegração e afundamento de todo o espectro delirante do centrismo democratizante, do estalinismo, do anarquismo. Esse golpe não lhes permitiu levantar a cabeça, causou-lhes estresse e desalento que fica difícil de superar repetindo o mesmo esquema. A única forma de supera-lo é virar à esquerda e assimilar o projeto revolucionário do proletariado, desembaraçando-se das políticas pequeno-burguesas que capitularam diante da burguesia e do estalinismo.

No Chile, a influência de Guillermo Lora e do Partido Operário Revolucionário da Bolívia nos permitiram sobreviver politicamente por 52 anos. Apesar dos eventos ocorridos no país e que nos isolaram, conseguimos manter bem alto o programa revolucionário do proletariado.

Tributo a Guillermo Lora

A TV A Comuna, canal democrático que promove o debate político entre as diversas correntes, realizou em 18 de maio um programa especial dedicado a honrar a memória de Guillermo Lora, por ocasião do º aniversário do seu falecimento. Transcrevemos abaixo a intervenção dos companheiros representantes das diversas seções do CERQUI

Rafael Souza - POR Brasil

Para iniciar a discussão, é importante mencionar que o Guillermo Lora faleceu no dia 17 de maio de 2009, portanto, temos aí 14 anos de sua ausência física. O camarada Guillermo Lora é ainda muito pouco conhecido no Brasil. As suas obras Lora ainda não foram suficientemente traduzidas para língua portuguesa. A vanguarda militante desconhece a experiência do POR boliviano, desconhece a experiência do proletariado boliviano. E o Guillermo Lora, por vezes, é compreendido por uma parte da vanguarda apenas como fundador do POR boliviano.

Guillermo Lora ingressa no começo dos anos 40, final dos anos 30, no POR que já havia sido constituído. O POR boliviano se formou no exílio, em Córdoba, na Argentina em 1935, a partir da iniciativa de um militante também boliviano e que faleceu muito jovem, que foi o José Aguirre Gainsborg. Mas, Guillermo Lora, se não foi o fundador do POR boliviano, foi o seu dirigente histórico, e o responsável pela reestruturação do POR, sobretudo a partir dos anos 40, a partir da penetração do trotskismo no proletariado mineiro, na elaboração das Teses de Pulacayo e, portanto, da projeção internacional que o proletariado boliviano foi capaz de alcançar.

Então, Guillermo Lora, como eu falei, dirigente histórico do POR boliviano, travou uma dura batalha para defender e estruturar partido leninista, como um partido marxista-leninista-trotskista, como um partido de tipo bolchevique. A ideia de homenagear o Guillermo Lora exige situá-la no seu devido lugar - o próprio Guillermo Lora não era afeito a elogios - a ideia de lembrar o Guillermo Lora tem um sentido único para nós do Comitê de Enlace, que é necessidade de assimilar a experiência do POR boliviano, a experiência do proletariado boliviano, para que nos sirva de ferramenta para impulsionar a construção dos partidos-programas na América Latina e, portanto, do partido-programa aqui no Brasil. Essa é a necessidade que tem a discussão sobre o Guillermo Lora.

Nesse sentido, queria destacar alguns pontos. O primeiro é sobre a relação entre o POR boliviano e o proletariado mineiro. Todos nós sabemos que a Bolívia é um dos países mais atrasados da América Latina, é um país semicolonial profundamente marcado pelo pré-capitalismo, um país com uma burguesia extremamente raquítica, um país que vive sob uma opressão imperialista monumental. E nesse país atrasado se desenvolve uma classe operária mineira, uma classe operária afastada das cidades, dos grandes centros urbanos, uma classe operária vinculada à exploração do estanho. A participação da exploração do estanho boliviano na Segunda Guerra Mundial vai ser importantíssima, e é a partir daí que se encontra um marco no levantamento da classe operária boliviana que vai se chocar, antes de tudo, com os chamados “barões do estanho”, entre eles o mais famoso, Simon Patiño, que era um grande capitalista, proprietário de jornais, de comércio, enfim era um dos homens mais ricos do mundo na época. Esse proletariado boliviano, esmagado pela opressão, pela

exploração e por condições de trabalho brutais, foi capaz de se erguer e instintivamente lutar pela sua emancipação.

O marxismo há muito tempo já apontava que as massas operárias são capazes de uma luta instintiva, porque são instintivamente comunistas. O que permite que as ideias revolucionárias sejam assimiladas pelas massas em seu movimento; e a experiência dos anos 40, a experiência dos anos 50 e dos anos posteriores foi tratando de mostrar que era possível haver uma fusão do marxismo com o movimento operário, mas não qualquer marxismo, porque na Bolívia estava presente o estalinismo, representado pelo PIR (Partido de Esquerda Revolucionária), que se mascarava de marxista, mas que de fato sempre foi um partido aliado às oligarquias do estanho, sempre foi um partido de traição da luta de classe. O trotskismo esteve na base do POR boliviano desde a sua origem, que, nos anos 40, com todas as dificuldades, sob repressão intensa, vai se vincular como os mineiros, tendo como linha de frente Guillermo Lora. Vai aí ocorrer uma confluência das teses do trotskismo, do Programa de Transição, da ideia da revolução proletária, da ditadura proletária, da reivindicação da escala móvel e outras reivindicações com o movimento mineiro.

Podemos concluir da história política da Bolívia, marcada profundamente pela intervenção do POR, antes de mais nada pela intervenção do Guillermo Lora, que o POR boliviano foi capaz de influenciar a classe operária e que a classe operária foi capaz de influenciar o POR boliviano. O POR boliviano não seria o que é hoje, e Guillermo Lora não atingiria o nível de marxista que atingiu, do ponto de vista da militância profissional, se não fosse a rica experiência da classe operária, por ele, como participante ativo da luta de classes, analisada e estudada. Guillermo Lora que se enfiou nas lutas mineiras, viveu entre os mineiros e, portanto, fez aquilo que qualquer marxista tem o dever de fazer: que é transformar experiência em teoria. Guillermo Lora nos deixou 70 volumes de suas Obras Completas, onde procura analisar não apenas as vicissitudes do movimento mineiro boliviano – os inúmeros massacres que essa classe suportou – mas também a sua capacidade criadora, a começar pelas Teses de Pulacayo, que foram aprovadas em um congresso extraordinário mineiro de 1946 e que são um documento único na história do movimento operário latino-americano, porque significa uma aplicação do Programa de Transição às particularidades da Bolívia e que estão expressas na forma de um documento sindical.

As Teses de Pulacayo vão projetar a estratégia da revolução e ditadura proletárias na atrasada Bolívia. Elas vão, portanto, projetar o caminho de que a saída para emancipação dos explorados não é a apontada pelo stalinismo e nem pelo nacionalismo burguês, que é a de aliança com a burguesia, da colaboração de classes, mas, ao contrário, a saída apontada para classe operária pelas Teses de Pulacayo é a de que é preciso constituir uma unidade geral dos oprimidos e deve-se apontar a perspectiva de um governo próprio dos explorados. Mais tarde, Gui-

Iherme Lora vai observar que há uma insuficiência nas Teses de Pulacayo, que é o fato de não se referir a uma frente única de anti-imperialista na Bolívia, substituindo-a pela frente única proletária, tática essa mais apropriada para os países de capitalismo avançado. Então, esse aí é um reparo que Guillermo Lora costumava lembrar constantemente, quando falava da importância das teses para o movimento operário boliviano.

É preciso também indicar que o Guillermo Lora teve como meta da sua militância penetrar profundamente na realidade nacional, na realidade boliviana. Ele procurava mostrar que nenhum partido revolucionário conseguiria de fato transformar profundamente a realidade de uma nação se não é também tradição, se ele não é ao mesmo tempo um elemento que compreende profundamente as particularidades culturais do seu próprio país. Então, Guillermo Lora procurou analisar a história boliviana, procurou revelar as leis de transformação da sociedade boliviana e latino-americana. Procurou compreender a formação do capitalismo na atrasada Bolívia e estabelecer uma caracterização precisa da Bolívia e que tipo de revolução haveria de ser realizada em um país atrasado como a Bolívia, que é uma revolução proletária dirigida pelos mineiros e que arrastasse atrás de si os camponeses, em uma aliança operário-camponesa e que resolvesse inclusive o problema das nacionalidades oprimidas dos Aimarás, Quéchuas etc.

Retomo aqui a minha colocação dizendo que o Guillermo Lora encarou essa tarefa de transformar a experiência das massas em teoria e esse é o método que distingue o marxista dos estalinistas, inclusive dos acadêmicos, porque em nenhum momento a teoria tem uma finalidade em si mesma, a teoria tem de ser um guia para ação, e a atividade monumental do Guillermo Lora de escrever exaustivamente sobre a realidade boliviana, sobre os problemas políticos, sobre a tática da frente única, sobre especificamente a da frente anti-imperialista, sobre o problema das nacionalidades oprimidas, sobre a experiência com o nacionalismo burguês, que foi o grande adversário da classe operária boliviana (nacionalismo de conteúdo burguês encarnado pelo MNR) e que fez com que a revolução de 1952, uma revolução social (era assim que o Guillermo caracteriza a revolução grandiosa de 1952), mas que foi uma revolução frustrada, uma revolução onde as massas acreditaram que o MNR poderia materializar as suas reivindicações, que constavam das Teses de Pulacayo.

A revolução de 1952 acabou frustrada porque o MNR, como partido pequeno-burguês, não tinha como realizar as tarefas democráticas e transformar essas tarefas democráticas em tarefas socialistas, portanto, a reforma agrária realizada pelo MNR e a nacionalização das minas - as duas principais intervenções do MNR na Revolução em 1952 - foram se frustrando. O papel do POR durante esse período foi muito importante porque, apesar de uma repressão violenta, o partido foi ajudando as massas mineiras a fazerem a experiência com o MNR, foi ajudando, portanto, os explorados da Bolívia a superarem suas

ilusões no nacionalismo. Essa luta de morte que o POR boliviano, sob a direção de Guillermo Lora, travou contra o nacionalismo burguês (vejam que ainda hoje, sob o governo do MAS na Bolívia, do Movimento ao Socialismo, se percebe que esse combate ainda continua) é uma das grandes lições que temos de extrair da intervenção do Guillermo Lora, que foi, é bom que se diga, é bom que se reafirme, a vida inteira, um militante exemplar do ponto de vista profissional. Guillermo Lora tem trabalhos muito amplos sobre a organização do partido. É possível dizer até que Guillermo aprofunda a concepção que vem de Lênin, da Revolução Russa, quando escreveu o livro Que Fazer? E Lora procura aprofundar essa experiência, do que é o partido revolucionário, de como funciona o partido revolucionário, de como tem de funcionar a célula, do que é um militante revolucionário profissional (que não é um militante rendado, mas aquele que entrega sua vida à revolução) e de que, portanto, não é possível que haja o triunfo dos explorados sem que a classe operária constitua os seus próprios quadros revolucionários.

Então acho que necessário estudar toda essa trajetória do Guillermo Lora na Bolívia, as prisões que Lora enfrentou, o período de exílio, o combate não só ao nacionalismo,

mas também aos revisionistas da IV Internacional - aliás vale destacar aqui, de maneira muito rápida, que esse mito de que o POR boliviano é nacionalista é uma invenção da IV Internacional pablista. Os pablistas revisionistas do trotskismo, e também do marxismo (não tem como deixar de ser uma coisa sem ser outra), foram os primeiros a lançar a acusação infunda, a difamação de que o POR boliviano era nacionalista, porque se recusou, durante o período crítico da revolução de 1952, a aplicar as diretrizes pablistas, que seriam diretrizes que liquidariam, provavelmente, não apenas a perspectiva da revolução boliviana como liquidariam o próprio POR boliviano, que era perspectiva de que os trotskistas tinham que se submeter ao nacionalismo. Então, se vê que a grande

batalha travada por Guillermo Lora era a de constituir uma seção boliviana da Quarta Internacional, o que implicava constituir um partido-programa, que apontasse a perspectiva do Partido Mundial da Revolução Socialista e que, portanto, projetasse essa luta para a América Latina.

Todo o material escrito por Lora, que encontra nas Obras Completas, que são vastíssimas, incluindo a experiência crítica com foquismo, que foi uma experiência muito rica - lembramos da presença do Che Guevara na Bolívia - toda essa experiência a gente conclui que ela precisa ser assimilada pela vanguarda internacional. Trata-se de uma experiência fundamental para que se constituam os partidos-programas nos diversos países da América Latina. Nesse sentido, é imperativo estudar a experiência da classe operária boliviana como parte da construção dos partidos-programas na América Latina. Finalizo com essa observação porque contém a síntese da defesa que Guillermo Lora fez durante toda sua vida e que está plasmada na ideia do partido revolucionário, do militante profissional, da constituição dos quadros revolucionários.

***A revolução de 1952
acabou frustrada porque
o MNR, como partido
pequeno-burguês, não tinha
como realizar as tarefas
democráticas e transformar
essas tarefas democráticas em
tarefas socialistas, portanto,
a reforma agrária realizada
pelo MNR e a nacionalização
das minas - as duas
principais intervenções do
MNR na Revolução em 1952 -
foram se frustrando.***

Atílio de Castro – POR Brasil

Sem dúvida, esse é um programa muito importante para o POR do Brasil e para o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI). Porque nos permite trazer algumas das teses fundamentais da continuidade da Quarta Internacional, que o POR da Bolívia encarnou. Nesse sentido, a data do falecimento de nosso camarada tem de ser muito bem utilizada, para honrar a sua militância, a sua dedicação à luta do proletariado.

Pretendo dar continuidade à exposição do camarada Rafael, enfatizando essa última parte em que ele expõe o empenho de Guillermo Lora em desenvolver as posições do internacionalismo proletário, que como tal é expresso por meio do marxismo-leninismo-trotskismo. Guillermo Lora teve muita clareza em reconhecer que o trotskismo nada mais é do que a continuidade do marxismo-leninismo. Evidentemente, o próprio Trotsky já havia colocado claramente seu lugar na história como vinculado ao leninismo.

O empenho de Lora em projetar as experiências do proletariado boliviano e do seu próprio partido, o Partido Operário Revolucionário, na América Latina e em outras latitudes, é um empenho à altura daquele que entendeu profundamente o caráter mundial da revolução e que acompanhou, estudou e aprofundou a crítica ao revisionismo do estalinismo, que passou a instilar a posição anti-leninista sobre a possibilidade da construção do socialismo em um só país, portanto, à margem da revolução mundial.

Então, essa assimilação, que vem do conhecimento da revolução permanente e da aplicação do Programa de Transição da IV Internacional na Bolívia, obrigatoriamente colocou para o dirigente Guillermo Lora e o POR a necessidade de constantemente travar a luta pela reconstrução da Quarta Internacional. E aí temos um ponto na história de muita gravidade, que foi o surgimento do revisionismo no interior das próprias fileiras do trotskismo na década de 50. Justamente esse revisionismo levava à ideia de que o estalinismo poderia jogar um papel progressivo, dadas as condições da Segunda Guerra Mundial, dada a sua posição diante da Segunda Guerra Mundial.

Esse revisionismo destruiu a Quarta Internacional do ponto de vista organizativo. Isto foi muito bem entendido pelo POR da Bolívia, embora o partido sofresse com isolamento mundial, embora o próprio Guillermo reconhecesse que o POR poderia ter dado um salto de qualidade muito mais avançado se tivesse uma Quarta Internacional que pudesse projetar as experiências do proletariado boliviano da revolução de 52, da Assembleia Popular de 1971, da formação da frente única anti-imperialista. Essas experiências todas poderiam ser muito mais aproveitadas em função da necessidade de superar a crise de direção.

Esse é o marco do internacionalismo em que o POR da Bolívia, e Guillermo Lora como seu dirigente, insiste constantemente a levar adiante, no sentido de reconstruir a Quarta Internacional. É o que permitiu que o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional, do qual participa a seção do Brasil, da Argentina e do Chile, conseguisse manter alto a bandeira de reconstrução da Quarta Internacional, colocando-se a tarefa de aprender, reconhecer e estudar o POR Bolívia, não como um simples partido revolucionário, mas como um partido que em situação extremamente difícil da crise mundial, da crise de direção, conseguiu dar continuidade à luta de Trotsky pela organização da Quarta Internacional no seio da classe operária.

Tal esforço fez com que o POR do Brasil nascesse profundamente vinculado ao POR da Bolívia. E nós somos

fruto do processo da crise de direção mundial. O trotskismo sofreu um estilhaçamento extraordinário. O POR, que enfrentou enormes dificuldades em sua construção no começo de sua existência, tendo à frente Gainsborg como seu fundador, em 1935, sofreu com a impossibilidade contrair um vínculo orgânico com a Quarta Internacional. Mesmo depois, na década de 1940, quando Guillermo tomou a frente de levar o partido a se fundar com o proletariado mineiro, esse isolamento permaneceu. Um isolamento orgânico que dependeu mais da direção que herdou a IV Internacional depois do assassinato de Trotsky do que do próprio POR. Não se tratou do isolamento do ponto de vista da compreensão das tarefas do internacionalismo, mas do ponto de vista da inexistência de uma direção da Quarta Internacional que estivesse à altura de levar as seções a aplicarem o Programa de Transição nas particularidades de cada país, seguindo a orientação da luta contra o estalinismo travada pela Oposição de Esquerda e pela Quarta Internacional fundada em 1938.

Tamanho isolamento exigiu do POR da Bolívia uma ação insistente para rompê-lo, porque não poderia sobreviver sem lutar pelo rompimento do isolamento internacional, imposto não só pelas correntes estalinistas, pelo nacionalismo burguês, mas sobretudo pelas correntes que se reivindicam do trotskismo e que se embrenharam no campo do centrismo.

O nosso nascimento do POR no Brasil fez parte de um processo deformado desse estilhaçamento, que vem desde a revisão do Michel Pablo levada a cabo na década de 1950, e que foi se mantendo pela incapacidade da oposição ao revisionismo pablista. Oposição que será encarnada pela Organização Comunista Internacional (OCI) francesa, cujo dirigente principal foi Pierre Lambert. O POR da Bolívia teve de enfrentar o revisionismo do pablismo nas suas próprias fileiras, que vai se interessar pela existência do POR justamente na Revolução de 52, quando anteriormente a direção da IV Internacional praticamente ignorava a presença do POR. E essa intervenção externa à Bolívia foi uma intervenção do revisionismo, causando grandes prejuízos, grande atraso ao desenvolvimento do POR. E Guillermo Lora e o POR fizeram um enfrentamento a essa etapa de combate ao revisionismo, e passaram a levantar a bandeira de reconstrução da Quarta Internacional, diante de seu esfacelamento nos anos posteriores a 1950. A bandeira de reconstrução da quarta internacional se tornou uma tarefa estratégica do marxismo-leninismo-trotskismo. E, por isso, irá passar por uma experiência como o lambertismo no Comitê de Organização pela Reconstrução da IV Internacional (CORQUI), que era dirigido pela OCI. Não vai ser possível trabalhar no mesmo marco porque a posição dessa corrente não estava à altura de combater o pablismo, de um lado, e, de outro, não estava à altura de assimilar as experiências do POR da Bolívia, condição necessária para avançar no trabalho de reconstrução da IV Internacional.

Frustrada essa experiência na década de 70, o POR da Bolívia vai procurar um alinhamento com aqueles que se opuseram às posições do lambertismo, que não reconhecia inclusive a natureza das burguesias nacionais dos países semicoloniais e não aceitava a tática da frente única anti-imperialista – e por isso passou a combater duramente o POR. Nesse trajeto, Lora procura se vincular àqueles que poderiam auxiliar na tarefa de reconstruir a Quarta Internacional. E sempre com a ideia de que, se não se assimilasse as experiências da Bolívia, não seria possível dar continuidade

à luta pela reconstrução da IV Internacional. Também vai haver uma frustração com o Política Obrera, da Argentina, corrente política dirigida por de Jorge Altamira. Não se tornou possível sedimentar a organização que era se identificava como Tendência Quarta Internacional (TQI).

Esse fracasso causou grandes prejuízos para o desenvolvimento da política revolucionária na América Latina, que é encarnada pelo POR da Bolívia, que é fruto desse processo, todo ele acidentado, marcado pela crise de direção e marcado pelo choque entre o trotskismo, o estalinismo e o revisionismo que emergiu no seio da própria IV Internacional.

É justamente aí que o POR do Brasil vai, juntamente com as outras seções, constituir o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI). Uma das primeiras resoluções do Comitê de Enlace para a sessão brasileira constava dos seguintes pontos: primeiro, fazer uma boa caracterização do país; segundo, elaborar as explicações sobre as classes no país; terceiro, ajudar as massas a viver a experiência com o PT – este ponto é particularmente de grande importância na vida do POR brasileiro.

O vínculo do POR do Brasil com o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional e como Guillermo teve um cuidado especial em coletivamente levar à compreensão de que, se não se constitui o programa, não se constitui o partido, foram decisivos para nossa afirmação e desenvolvimento. A constituição do programa se realiza no trabalho de penetração, de organização da classe operária e de respostas que vão se fazendo à luta de classes.

No momento de nossa constituição, o PT (Partido dos Trabalhadores) ainda estava em ascensão, havendo, portanto, uma preocupação de como relacionar a vanguarda revolucionária com este fenômeno particular do Brasil. A experiência comprovou que as correntes que se reivindicavam do marxismo, e inclusive do trotskismo, tendiam a se dissolver no interior do PT, porque não tinham o programa, porque não lutavam no interior do PT por um programa revolucionário. Observamos como as correntes ligadas à IV Internacional, que se adaptaram ao reformismo do PT, sejam pablistas, sejam lambertistas, foram se dissolvendo no interior do PT – hoje, se acham completamente dissolvidas no interior do PT. E outras correntes que saíram do PT, como no caso, por exemplo, de PCO, ligado ao altamirismo, de onde nós temos a nossa origem, se mantém submisso à política do PT. E por quê? Porque não construíram o programa revolucionário. Como não construíram um programa revolucionário, estabeleceram como estratégia a luta por um governo dos trabalhadores, a ser realizado através do PT; portanto por meio das eleições, por meio dos métodos da política burguesa. Esse aspecto foi muito importante na nossa discussão sobre a formação do programa, a constituição do programa. O POR se dedicou, com todas as dificuldades de uma corrente embrionária, a responder a esse fenômeno próprio do Brasil, que era a formação do PT – como era

próprio da Bolívia a força do movimento nacionalista dirigido pelo MNR. Isso teve uma importância muito grande no nosso vínculo com o POR da Bolívia, com Lora, e com o Comitê de Enlace. Acredito também, hoje mais do que antes, sobre a importância que teve a discussão quanto à influência do peronismo na Argentina, à força do nacionalismo na Argentina. Ainda hoje, recentemente, nossos camaradas realizaram a sua Conferência, debatendo em torno do problema dessa presença tão poderosa que é do nacionalismo burguês, ainda que profundamente deformado e degenerado. Um fenômeno que também se passa no Brasil. O PT, hoje, é um partido submetido à oligarquia burguesa, portanto é um partido degenerado. A luta contra o reformismo, a luta contra o nacionalismo burguês, a luta contra as variantes do revisionismo no interior do marxismo, a luta que permanece contra o stalinismo, é fundamental para caminhar no sentido da reconstrução

do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Essa foi uma grande influência que Lora teve em nossa formação e evolução como partido revolucionário. Completo essa ideia porque, ao lado da orientação de que nós tínhamos de construir o programa, vinha a orientação de que nós teríamos de ajudar as massas a viverem a experiência e a se emanciparem da política do reformismo, que era e é encarnada pelo PT. Enfatizo essa experiência que tivemos com Guillermo Lora, desde o início da formação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional.

Uma contribuição à resposta do Ramon sobre a pergunta de que há uma aparente contradição entre a forma nacional da revolução e seu conteúdo internacional. Na realidade, não é uma aparente contradição. Ocorre que o capitalismo é internacional, no entanto, ele mantém as nações divididas, ele mantém as nações enclausuradas nas fronteiras

nacionais. É sobre essa realidade objetiva que Marx chegou a essa premissa de que a revolução por sua forma é nacional, mas pelo seu conteúdo é internacional. Por que por sua forma é nacional? Porque a revolução começa nos marcos de um determinado país. Mas, ao se iniciar nos marcos de um determinado país, não pode se deter a esse país, tem de obrigatoriamente se projetar no processo da revolução mundial. Essa é uma ideia cara ao marxismo e que o estalinismo contrariou e deformou com a tese do “socialismo em um só país”, e que vai levar à tese da possibilidade da “coexistência pacífica” da revolução com o imperialismo, naquele momento, da União Soviética com o imperialismo. Essa ideia tem uma importância decisiva na elaboração do programa. Porque, quando se elabora o programa em determinado país, a vanguarda revolucionária parte dessa contradição, reconhece o choque entre as forças produtivas altamente desenvolvidas e as fronteiras nacionais. O caráter internacional do capitalismo é determinante. Na fase atual do imperialismo, o capitalismo se decompõe e coloca a necessidade da revolução proletária que se inicia em um determinado país como expressão

No momento de nossa constituição, o PT (Partido dos Trabalhadores) ainda estava em ascensão, havendo, portanto, uma preocupação de como relacionar a vanguarda revolucionária com este fenômeno particular do Brasil. A experiência comprovou que as correntes que se reivindicavam do marxismo, e inclusive do trotskismo, tendiam a se dissolver no interior do PT, porque não tinham o programa, porque não lutavam no interior do PT por um programa revolucionário.

particular da revolução mundial.

Esse é um fundamento que perpassa todas as elaborações do POR da Bolívia. É por isso que aquele que estudar a evolução do POR da Bolívia vai sempre encontrar essa relação entre as particularidades nacionais, que são condicionadas pela estrutura mundial do capitalismo. Toda vez que se desenvolve uma revolução em determinado país, já tem o seu germe internacional. Quando a Revolução Russa triunfou, Lênin reconheceu que se rompeu um dos elos mais débeis da cadeia do capitalismo mundial. Romper um elo da cadeia do capitalismo é o lado objetivo histórico de uma revolução, que imediatamente se torna internacional ou necessariamente tem de se desenvolver internacionalmente. E, se não se desenvolve internacionalmente, não tem como sobreviver. É o que explica, em última instância, a tragédia que nós enfrentamos hoje, de uma maneira terrível, que foi a dissolução da União Soviética. Isoladamente, não havia possibilidade de sobreviver; necessitava da revolução na Europa e em outros países, assim por diante. É o que se passa também com a Revolução Chinesa e a Revolução Cubana. De fato, essa formulação do Manifesto Comunista é de um valor extraordinário, que Guillermo Lora aplicou de uma maneira rigorosa no processo de construção do POR e no processo de luta política para resolver a crise de direção, passando por várias tentativas de organização internacional e chegando até o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional.

Primeiro, o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional agradece essa oportunidade que a TV A Comuna nos ofereceu. Quem assistiu pôde ver que tratamos de uma quantidade de questões, temas, princípios e fundamentos programáticos, que são próprios de quem está construindo o partido revolucionário, quem está fortalecendo o caminho da revolução proletária. Essa oportunidade foi possível justamente porque Guillermo Lora nos deixou um tesouro, um legado que nenhum marxista digno de estar diante da revolução proletária pode deixar de assimilar.

Segundo, como foi feita uma pergunta sobre a inviabilidade democracia – claro que o Ariel vai ter melhores condições de responder, porque essa é uma formulação inclusive de um livro do Lora, mas eu diria o seguinte sobre essa questão:

Pergunta: “Lora afirma a inviabilidade da democracia burguesa. É possível atuar renunciando a luta política na dimensão eleitoral através do partido operário, sem de fato mobilizar e organizar as amplas massas?”

Lora se refere à inviabilidade democracia na própria Bolívia, dadas as condições de profundo atraso, onde não houve possibilidade de uma revolução burguesa. A revolução de 1952 fracassou como revolução burguesa. Não há como desenvolver uma democracia florescente se não tiver as bases materiais, as bases sociais que a permitam. Mas o marxismo já caracterizou que a democracia em geral, a democracia mais avançada nas potências, nos países imperialistas, é a democracia em decomposição. No caso do Brasil, nós temos uma democracia tipicamente oligárquica. Nunca conseguiu superar o seu caráter oligárquico. Embora seja, se comparada com a Bolívia, mais avançada do ponto de vista da democracia burguesa, mas é uma democracia que expressa o seu caráter ainda do Brasil semi-colonial. Então o problema em geral da democracia é que essa fase decomposição do imperialismo leva ao fascismo, se o proletariado não tomar o poder. Se o proletariado não tomar o poder a própria democracia, seus fracassos e o agravamento da luta de classes geram e fortalecem tendências fascistas, tendências ultradireitistas. Nós estamos assistindo hoje claramente uma ascensão de tendências

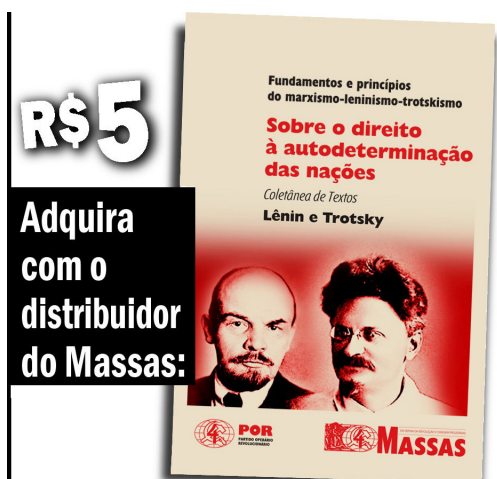
ultradireitistas. E aquelas inclusive que se reivindicam do nazismo, do fascismo. Na Alemanha, por exemplo, se reivindicam do nazismo e que foram por um tempo execradas pela própria democracia burguesa depois da derrota de Hitler, depois da Segunda Guerra Mundial. E o capitalismo em decomposição não oferece outra via que não seja a via do fascismo para as massas, não é a via da democracia.

Acabamos de assistir na greve na França como a famosa democracia francesa com Manuel Macron impôs pela forma ditatorial a sua contrarreforma da Previdência contra a vontade da maioria dos franceses. Não era só um movimento da classe operária, é um movimento inclusive majoritário dos explorados franceses. Então, para o nosso programa, é importante entender sobre a inviabilidade da democracia, estudando caso a caso em cada país. Trata-se de estudar em cada caso, em cada país, como que a democracia burguesa está instalada e como é que ela se decompõe. Acho que isso que é importante, porque aí está a resposta. Lora demonstrou e criticou em muitas ocasiões os perigos das transposições mecânicas.

Por último, isso não quer dizer que o partido revolucionário tem de ignorar as ilusões democráticas, que também se manifestam diferentemente em cada lugar. A Bolívia tem uma experiência pela revolução de 1952, inclusive pelos massacres que sofreram os mineiros, experiência com esse problema de que a inviabilidade da democracia é muito flagrante.

As ilusões democráticas não se acabam por decreto, elas continuam existindo, mas com cada vez mais as massas podendo, pela experiência própria, vir a superá-las. Aqui no Brasil, vimos a força das ilusões democráticas. Acabaram de levar a maioria a colocar pelo voto o PT no poder. E nós estamos vendo como a maioria das correntes de esquerda foi arrastada por trás das ilusões democráticas, criadas com a ideia de que o PT seria a via de combate e de superação do fascismo, seria a forma de derrotar o fascismo. Nós vivenciamos este problema aqui no Brasil. Então o POR, aqui no Brasil, vai caracterizar a democracia brasileira como sendo oligárquica. Portanto, os limites dessa democracia estão dados pelas condições semicoloniais do Brasil, pela estrutura da burguesia nacional, pela presença do capital monopolista e imperialista nos ramos-chaves da produção, na estrutura latifundiária do país e assim por diante.

Isso é importante para entender quando se discute o programa, o lugar da demonstração, de que a democracia burguesa tem de ser superada pela revolução proletária. E se não se resolve pela revolução proletária, ela se degenera em forma de fascismo, em forma de ditadura, em forma de golpes militares, como do Banzer em 1971 na Bolívia ou como no caso do Chile e do Brasil em 1964.



Ramón Basko – POR Argentina

Não é possível separar a vida de Guillermo Lora da história do POR, da luta de classes na Bolívia e na América Latina. É tudo uma mesma coisa. Desde cedo, na década de 1940, à diferença de todas as organizações socialistas e estalinistas que defendiam a revolução burguesa como resposta às tarefas democráticas e nacionais, a Tese de Pulacayo e o Partido responderam que a burguesia já não podia cumprir esta tarefa e que era a hora da revolução proletária. Essas tarefas nacionais e democráticas, tirar Bolívia do atraso, somente será possível pela via da revolução proletária. Por tanto, a política da classe operária é a da luta pelo socialismo, pela revolução socialista na Bolívia, para cumprir essas tarefas.

Prosseguindo a exposição do camarada que me antecedeu, acrescento que, na Argentina, somos parte também daquele estilhaçamento, saímos do partido Política Obrera, de uma cisão ocorrida em 1986 e demoramos dois anos para contatar o POR boliviano. A recomendação do POR boliviano, assim como foi feita para o Brasil, era: vocês têm de elaborar o programa, o programa do seu partido. Vocês têm de explicar que tipo de revolução deve ocorrer na Argentina, quais são as tarefas que precisam ser resolvidas, porque, se o partido não conhece profundamente seu país, não pode realizar esta tarefa essencial, histórica, que é a construção do partido revolucionário.

“Vocês vão se equivocar, não precisam copiar o modelo da Bolívia, nem de nenhum outro país. Vocês têm de construir o programa, têm de explicar que país é Argentina, explicar a origem das classes sociais, a história da classe operária, as suas lutas, os seus programas, as suas correntes. Têm de conhecer as Forças Armadas do seu país, os partidos burgueses, as suas plataformas, os seus programas. Vocês têm de conhecer a sua economia, como está relacionada com a economia do resto do mundo. Vocês têm de formular esse programa, que vão corrigindo na medida em que intervêm no movimento das massas, irão amadurecendo como partido, corrigindo e aperfeiçoando esse programa”.

Guillermo Lora não conseguia entender como era possível que, havendo tantas organizações trotskistas na Argentina, não se havia construído ainda o partido revolucionário. “Vocês têm essa tarefa”. “Vocês têm de construir o programa, e não é que primeiro se deva fazer o programa para depois intervir na luta de classes, vocês têm que intervir na luta de classes, penetrar no movimento operário e nessa tarefa irão aprofundando esse programa e modificando a classe operária. Essa é a tarefa, assim se materializa o programa da revolução na Argentina”.

Imediatamente após contarmos o POR boliviano, foi necessário realizarmos um balanço da experiência internacional que nos antecedeu. “Temos de levantar a Interna-

cional”, como recém afirmava o camarada. Quase imediatamente após entrarmos em contato, Guillermo colocou a necessidade de formar este Comitê e a necessidade de formar uma direção, e que o partido que precisamos construir é um partido bolchevique, necessariamente é um partido de quadros, um partido conspirativo, que se prepara para dirigir a revolução, esse é o partido que é necessário construir, não outro. Não se trata de construir aparatos com muitos militantes para ter muitos votos nas eleições. Trata-se de construir o partido com o objetivo da revolução proletária. O que não significa que não devamos intervir nas eleições, não quer dizer que o partido não deva aproveitar os agrupamentos, os grupos ou círculos, mas é necessário preservar a estrutura bolchevique, porque esse partido, essa direção, que precisamos construir é a direção da revolução. O partido é tradição, é experiência, é a história do movimento operário. O movimento operário não precisa começar do zero toda vez, o movimento operário tem um programa, tem uma ideia e tem que fazer um balanço de todas as experiências, de todos seus erros.

Quase imediatamente após entrarmos em contato, Guillermo colocou a necessidade de formar este Comitê e a necessidade de formar uma direção, e que o partido que precisamos construir é um partido bolchevique, necessariamente é um partido de quadros, um partido conspirativo, que se prepara para dirigir a revolução, esse é o partido que é necessário construir, não outro.

lanço de todas as experiências, de todos seus erros.

Continuando com a primeira intervenção, foi muito importante o princípio de que o POR não devia se dissolver no Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e isto lhe custou uma cisão no ano de 1953/54, uma ruptura com a direção internacional da IV Internacional, perseverando na ideia de construir o partido-programa, o partido bolchevique.

Na década de 1960, o POR esteve à altura para responder e caracterizar corretamente a Revolução Cubana, imediatamente após ocorrer. O mesmo se deu, posteriormente, na luta contra as correntes foquistas, encarnadas pelo castro-guevarismo. E essas caracteriza-

ções são de um extraordinário valor porque permitiram explicar a importância do método das guerrilhas como método das massas, o que era completamente diferente do foquismo pequeno-burguês. Fez a crítica, não desde a perspectiva do pacifismo, mas desde a reivindicação da violência das massas, da necessidade de utilizar a ação direta, da violência revolucionária para liquidar o capitalismo. E a importância maior desse trabalho de Guillermo Lora se deve a que respondeu à guerrilha no momento que se instalava na Bolívia, e assim o POR pôde prever, prognosticar, o papel que desempenhariam as correntes de esquerda. Que iriam abandonar e sabotar a tentativa guerrilheira. Porém, além de criticar erros e falhas do grupo do Che, assinalou qual era o caminho para as massas e ocupou-se em reivindicar toda a experiência das guerrilhas no movimento de massas anticolonial na América Latina. Por isso, é tão importante como lutou na Bolívia para estruturar o programa da revolução e as respostas que deu em nível internacional.



Guillermo Lora não apenas respondeu ao fenômeno do foquismo, um dos mais graves desvios da IV Internacional, mas também, assim que surgiu a Perestroika, soube alertar que provocaria um avanço na restauração capitalista, alertar para o perigo que isso implicava. Enquanto uma infinidade de correntes dizia que se havia consumado a revolução política, Guillermo alertava que o aprofundamento da colaboração e coexistência da URSS com o imperialismo levariam à destruição das conquistas históricas do proletariado mundial.

Esse é o valor enorme deste revolucionário profissional. Um revolucionário extraordinário que é um exemplo, que sempre afirmava que os revolucionários não pedem nada ao partido, que entregamos tudo, entregamos nossa vida à causa da Revolução, à tarefa de construção do partido, em luta contra os que entendiam que os profissionais são os que recebem renda do partido, os que viviam do partido. Ele combateu essa ideia. O essencial do militante profissio-

nal é que precisamos de militantes íntegros para formar o partido revolucionário, a direção do proletariado, e este é um partido necessariamente de quadros. E Guillermo Lora o foi! Foi um extraordinário quadro, talvez um dos mais avançados quadros marxista-leninista-trotskistas da América Latina.

Agradecemos à TV A Comuna por este espaço, porque me parece que foi um belo tributo a Guillermo Lora, pois a suas principais ideias, sua história se fez presente neste debate. Foi uma excelente atividade. Vamos contribuir para divulgar este debate, chamar a assinar este canal. É uma iniciativa muito boa, porque promove este tipo de debate. Gostaria, finalmente, de assinalar que faz 14 anos, quando Guillermo Lora morreu, a pergunta era, como disse há pouco Ariel: o POR desaparecerá? E, efetivamente, o POR não desapareceu, continuou fortalecendo-se. Logicamente, uma personalidade como a de Guillermo Lora não pode ser substituída facilmente, foi um produto único da história, que concentrava nele um grande capital político. Nós temos um tesouro extraordinário que ele nos deixou, toda sua obra, toda sua experiência, e, portanto, temos de capitalizá-la, temos de trabalha-la pois, nesses 14 anos, continuam ocorrendo fatos terríveis à humanidade e devemos seguir dando respostas, tentando nos colocar à altura do legado, do capital que nos deixou Guillermo; e isto só pode ser feito coletivamente, fortalecendo o CERQUI, fortalecendo a direção do CERQUI, trabalhando como estamos trabalhando nas Conferências, nos Congressos, com nosso Boletim Internacional, buscando tornar consciente a envergadura da crise que vive a humanidade e que não há outra saída que não seja a da revolução proletária.

Muito obrigado pelo convite.



Ariel Roman – POR Bolívia

Eu não falo português, então vou falar devagar para que os companheiros possam entender o que quero dizer.

Os camaradas fizeram um esboço que apontou para o essencial da experiência do POR. Guillermo Lora concentrou essa experiência, constituiu um enorme capital teórico, político, assimilando, em boa parte de seus 88 anos de vida, as marcas das lutas do proletariado boliviano.

Todas as polêmicas, a respeito da inserção do POR no movimento operário boliviano, ocorreram com as diferentes tendências que se reivindicavam do trotskismo ou com outras correntes políticas. Invariavelmente, ao longo da existência do POR, houve muitas oportunidades em que os inimigos previram nosso desaparecimento. O POR, um partido muito pequeno, marginal, que, por não conseguir arrastar muita gente eleitoralmente, não conseguindo muitos votos, estaria condenado a perecer. Invariavelmente, todos os governos e tendências políticas fizeram essa previsão. Mas, o nosso destino tem sido diferente.

Pouco depois da morte de Guillermo Lora (já se passaram 14 anos), de fora da Bolívia e do interior do país, houve também quem anunciasse que o POR iria inevitavelmente desaparecer, porque o seu principal ideólogo, teórico, havia falecido.

No mês passado, porém, houve um conflito social muito grande no país, liderado pelo magistério, pelos professores das escolas, e o governo se encarregou de acusar os trotskistas, os militantes do POR, como os principais responsáveis pela situação de convulsão social. Estamos falando do mês passado. Como se pode ver, apesar da morte de seu principal dirigente, o POR continua sendo um partido que convulsiona o espectro político boliviano, seja como referência obrigatória para injuriá-lo, ou apoiá-lo, seja para respaldar suas ideias. A única explicação é que o POR é, antes de tudo, um partido programa.

Disse-lhes que este recente conflito obrigou o governo a acusar os trotskistas, os militantes do POR, como os responsáveis pela agitação e o mal-estar social. A vigência do POR - passados mais de 70 anos da sua existência como partido e 14 anos da morte de Guillermo - só pode ser explicada pelo que os camaradas têm apontado, que o POR é um partido programa, que conseguiu compreender as leis da revolução social em um país como o nosso. Conseguiu dar concretude à conclusão que Trotsky apontou em sua época, no sentido de que a revolução proletária é nacional na forma e internacional no conteúdo. Essa compreensão das leis da revolução boliviana é resultado da atividade de penetração no seio da classe operária, que nos permitiu compreender como as leis gerais do capitalismo se materializam em um determinado país como a Bolívia e como essas leis vão agindo e moldando o curso do processo histórico. O POR tem vigência porque sua atividade está ligada às leis desse processo, porque é a forma política consciente do que é o impulso elementar, instin-

tivo da classe operária e da rebelião das massas da nação oprimida contra a opressão imperialista. Esse programa, que não está acabado, é um programa que vem sendo aperfeiçoado, ampliado, através da atuação de militantes dentro da classe operária e das massas.

Gostaria de sublinhar o seguinte: trata-se, de fato, de conhecer o proletariado em cada país, suas particularidades, mas não estamos falando de um estudo acadêmico, não estamos falando de um estudo que simplesmente busca cumprir uma função sociológica. O que estamos falando é de descobrir por onde transita o instinto comunista da classe, por onde se desenvolve o impulso elementar da classe que busca transformar a ordem capitalista, porque a classe operária é instintivamente comunista, e, para nós,

conhecê-lo significa descobrir como esse instinto se move, para lhe dar forma política, fortalecer esse instinto. Para levar esse instinto a dar um salto, realizando sua transformação em classe para si, como foi apontado pelo camarada que falou antes. Então, é um estudo com as mãos, é um estudo para organizar a classe, e, dessa forma, conhecê-la, ver e descobrir seus impulsos, apalpar suas preocupações e, a partir daí, o seu temperamento é conhecido, sua disposição combativa e todos os problemas. Acho que isso é importante que fique claro, conhecer a realidade nacional implica revelar essas forças cegas que impulsionam o processo histórico, despi-las, conhecê-las, ver como elas se constituem e configuram. É isso que poderia complementar ao que o camarada disse anteriormente.

Resposta à pergunta: Você poderia comentar um pouco sobre a Assembleia Popular de 71 e como isso impactou a classe operária boliviana?

A Assembleia Popular expressou a superação da experiência do nacionalismo burguês do MNR pela classe operária. Não esqueçamos que, na revolução de 1952, a classe operária não conseguiu diferenciar o nacionalismo burguês de sua própria política encarnada pelo POR. Os operários, os mineiros, acreditavam que o MNR era o seu partido, embora gritassem vivas ao POR, embora proclamassem a Tese de Pulacayo, acreditavam que quem iria levá-la a cabo seria o MNR. O POR disse-lhes que o MNR era um partido burguês e que iria trair as bandeiras da revolução, mas, para que a classe operária compreendesse essa posição, foi preciso que se passassem duas décadas. E, portanto, a constituição da Assembleia Popular indica, precisamente, o regresso da classe operária ao eixo revolucionário da Tese de Pulacayo e a sua determinação em estabelecer o seu próprio governo. É interessante o que aconteceu, muitos antigos companheiros que viveram aquela experiência relatam detalhes que mostram como ocorreu esse processo. O governo do general Torres ofereceu ao Comando Político da COB, que era formado por vários partidos de esquerda, incluindo o POR, a Central

A Assembleia Popular expressou a superação da experiência do nacionalismo burguês do MNR pela classe operária. Não esqueçamos que, na revolução de 1952, a classe operária não conseguiu diferenciar o nacionalismo burguês de sua própria política encarnada pelo POR. Os operários, os mineiros, acreditavam que o MNR era o seu partido, embora gritassem vivas ao POR, embora proclamassem a Tese de Pulacayo, acreditavam que quem iria levá-la a cabo seria o MNR.

Operária Boliviana (COB) e a Federação dos Mineiros (FSTMB). Torres ofereceu-lhes 50% do gabinete ministerial, então os reformistas ficaram tentados a aceitar a oferta dos generais. Torres e Guillermo e os camaradas que lá estiveram lembram como se desenvolveu a discussão para que a COB fizesse uma contraproposta indicando que se aceitava a proposta, mas com a condição de ter o direito de vetar os ministros que Torres fosse indicar. Obviamente, Torres não poderia aceitar. Assim, surgiu a ideia de criar a Assembleia Popular para avançar na constituição de seu próprio governo, um governo operário camponês. Essa ideia foi promovida pelo POR e os documentos fundamentais da Assembleia foram escritos por Guillermo. Vários deles foram aprovados. Como a Assembleia Popular estava se tornando a única autoridade reconhecida pelas massas, um breve período de dualidade de poderes se desenvolveu. O primeiro e único período de sessões da Assembleia Popular deliberou por fazer uma interrupção para consultar as bases sobre a discussão de como se materializaria o controle majoritário dos trabalhadores, a gestão majoritária dos trabalhadores da COMIBOL (Corporação Mineira da Bolívia), a maior empresa estatal do país, coração da economia boliviana. Isso equivalia a materializar o controle do poder a partir do controle da COMIBOL. Esta questão seria retomada no segundo período de sessões da Assembleia Popular, que começaria em 2 de setembro do mesmo ano. Mas, veio o golpe preventivo de Banzer. Banzer, de comum acordo com o imperialismo norte-americano, agindo com os setores mais reacionários do exército e apoiado pelos setores também mais conservadores da classe dominante boliviana e algumas camadas da pequena burguesia, executou o golpe de Estado como parte do "Plano Condor", que o imperialismo norte-americano desencadeou uma contra-insurgência em todo o Continente, onde a Assembleia Popular aparecia como o ponto mais radical dessa insurgência latino-americana. Então, a Assembleia Popular marcou a história, justamente por isso, por ter sido o primeiro soviete latino-americano, foi o primeiro órgão de poder liderado pela classe operária. 51%, ou seja, 321 eram delegados do proletariado, mineiros, operários das fábricas etc., 123 vinham das classes médias, oitenta e poucos vinham do setor camponês. Era um órgão de poder operário, estruturado no âmbito da organização da COB, onde o proletariado tinha maioria e proclamou sua decisão de instaurar um governo operário camponês, o socialismo na Bolívia e, obviamente, isso foi considerado uma séria ameaça pelo imperialismo norte-americano, que promoveu o golpe preventivo de Banzer. Este é o marco mais importante deste processo, porque depois da derrota da Assembleia Popular ocorreu um recuo do movimento operário, talvez isso seja motivo

para outra avaliação, mas esse foi o significado essencial desta contribuição.

Resposta à pergunta: Considerando a grande importância da questão indígena na Bolívia, você poderia desenvolver as ideias de Lora e do POR sobre essa questão, inclusive em resposta às ilusões no MAS (Evo)?

Quero começar com o que foi levantado anteriormente e associá-lo a esta questão. A experiência do POR confirma a conclusão dos marxistas, de Trotsky e de Marx, de que a revolução em nossa época é nacional na forma e internacional no conteúdo. O proletariado boliviano, o proletariado mineiro, é resultado da penetração imperialista no país. O capital financeiro, pelas suas necessidades e interesses, investe em um país que está assentado em um depósito mineral, há minérios na serra e essa é uma questão particular da configuração geográfica da região. O capitalismo precisa dos minerais para exportar a prata, depois o estanho e assim se configurou o proletariado boliviano, que é recrutado das nações indígenas. É diferente do caso do Brasil ou do da Argentina, onde o proletariado não é essencialmente indígena, é constituído por migrantes da Europa, italianos, espanhóis etc., que estão configurando um proletariado que se constitui de maneira diferente daquela que o proletariado boliviano foi formado. Aí estamos observando como as leis gerais do capitalismo são concretizadas em um contexto histórico, geográfico e cultural peculiar, que conformarão particularidades nacionais. Sem conhecer essas particularidades, é impossível pensar na revolução. E essas particularidades são expressão dessas leis gerais concretizadas de modo particular. E assim também é preciso entender a relação, a forma como o problema indígena está se constituindo no país.

Eis a questão central: a existência ancestral das nações originais, que vêm de antes do Incário, que estava longe de ser uma sociedade socialista, pois era uma sociedade de classes. O Ayllu teve de dividir seu trabalho

em três partes: um tributo para o Sol, outro para o Inca e um terceiro para a coletividade. Ou seja, era preciso gerar excedente, manter uma classe dominante e manter uma casta sacerdotal. Era assim que o Incário existia, e sobre suas instituições chega a colonização da coroa espanhola, para convertê-las, adaptá-las, ao feudalismo, à exploração colonial, que vai se perpetuar. Obviamente as nações indígenas originais vão persistir em suas crenças, sendo usurpadas e despossuídas historicamente de suas terras. Assim, lutam no país por duas conquistas: recuperar a terra e o direito à autodeterminação. Essa luta ancestral de 500 anos não encontrou ainda nas cidades a classe revolucionária que pudesse levar à solução essa tarefa democrática, que é a emancipação das nações originárias e resolução do problema da terra. É ilustrativo que, na Revolução Federal de 1899, quando os índios aimarás são mobilizados pelos aristocratas

É importante observar o fato do levante indígena atingir características realmente radicais. Foram os militantes trotskistas do POR que lideraram a rebelião indígena, e essa fusão da rebelião indígena pela terra, pelo direito à autodeterminação, contra a discriminação etc. projetou-se muito longe devido à presença do proletariado (seu programa), dirigindo aquele levante. Infelizmente, a rebelião indígena, a tomada das terras, ocorreu quando a mobilização mineira começou a recuar, o decreto de nacionalização das minas já havia sido sancionado (outubro de 1952) e a ocupação das terras em 1953.

tas empresariais de La Paz, uma mobilização, liderada pelo caudilho indígena Zarate Willka, foi traída pela burguesia, pela feudal-burguesia que nasceu da mão do capital financeiro imperialista e que não era mais uma classe revolucionária. Essa mecânica será reproduzida ciclicamente, e em 1952. É importante observar o fato do levante indígena atingir características realmente radicais. Foram os militantes trotskistas do POR que lideraram a rebelião indígena, e essa fusão da rebelião indígena pela terra, pelo direito à autodeterminação, contra a discriminação etc. projetou-se muito longe devido à presença do proletariado (seu programa), dirigindo aquele levante. Infelizmente, a rebelião indígena, a tomada das terras, ocorreu quando a mobilização mineira começou a recuar, o decreto de nacionalização das minas já havia sido sancionado (outubro de 1952) e a ocupação das terras em 1953. Embora contasse com os militantes do POR como seus líderes, o movimento não encontrou um proletariado revoltado e nas ruas, o que permitiu a imposição da reforma agrária burguesa do MNR e provocou o recuo dos trotskistas. O recuo da fazenda coletiva, que era a bandeira do POR, consistiu no não cumprimento de que as fazendas deveriam permanecer como propriedade do sindicato camponês e não distribuídas na forma do pequeno lote. O MNR, no contexto do recuo do proletariado mineiro, pôde impor a reforma agrária burguesa, entregando a terra na forma de pequena propriedade da terra, o que levou ao minifúndio improdutivo, ao crescente parcelamento da terra e ao abandono dela pelos camponeses, para engrossar os cordões de miséria das cidades.

Mas, a essa experiência ensinou ao POR o que estava em jogo. A luta das nações originárias para recuperar a terra e conquistar o direito à autodeterminação só alcançará ter sucesso, caso se conquiste a libertação do índio da opressão capitalista, no âmbito da revolução proletária. Essa é a conclusão que o POR tirou, por isso, desde o início, denunciávamos o governo do MAS, obediente a todas as formas de propriedade privada, como uma impostura, que ia prometer e se aproveitar do sentimento ancestral de rebeldia contra a opressão da minoria branca e do Estado burguês, mas que não ia libertar o índio e iria se limitar ao que se limitou, simplesmente símbolos, muito bonitos, interessantes, apenas um efeito simbólico, mas, na prática, as nações indígenas permanecem acorrentadas ao Estado burguês branco, permanecem sujeitas aos interesses das transnacionais imperialistas, que o governo do MAS considera como seus "parceiros". Assim, uma das primeiras nações a entrar em confronto contra o governo do MAS foram os Guaranis da região de Jacobo Mora, que reivindicando o direito de receber os benefícios das riquezas de seu território, exigiam que o respeito ao seu território e o direito de decidir sobre seus recursos fossem cumpridos. Mas o governo burguês não pode permitir nada que aproxime da autodeterminação, então os reprimiu e esmagou. O mesmo se passou com as nações do TIPNIS (Território Indígena Parque Nacional Isoboro Secure) ou a nação Khara Khara em Sucre, que acabaram entrando em choque com o governo impostor, que prometeu libertá-los, mas não resolveu nem mesmo o problema da terra do minifúndio improdutivo, nem o direito à autodeterminação. E dessa forma se reitera, se ratifica a conclusão do programa do POR: a libertação do índio, a solução para o problema da terra e a conquista do direito à autodeterminação das nações camponesas indígenas originárias só serão possíveis no marco da revolução proletária, no quadro da aliança operário-camponesa e das nações indígenas originais, para sepultar o capitalismo, expulsar as transnacionais e, obviamente, criar seu próprio governo, que será um governo que reconheça o direito à autodeterminação

e, naturalmente, como disse Guillermo certa vez, se isso implicar que a Bolívia deixe de existir como Estado, e as nações originárias fortalecerem seu direito à autodeterminação nacional, constituindo seu próprio Estado, esse será o mal menor, porque o contrário implicaria perpetuar sua opressão. Em qualquer caso, o Estado operário defenderá a necessidade da unidade dessas nações no quadro da defesa comum contra a agressão imperialista. Mas, evidentemente, tudo isso é uma possibilidade, isso pode ser, mas o desenvolvimento histórico dirá se essa previsão que está no programa POR vai se confirmar.

Até agora, pela negativa, confirmou-se a conclusão de que a libertação das nações indígenas, a solução para o problema das pequenas propriedades improdutivas, só será possível no âmbito da revolução proletária. Esta é a nossa experiência, esta é a nossa conclusão e é isso que indicamos em relação ao governo burguês do MAS.

Despedida:

Quero agradecer profundamente por este ato, por esta homenagem. É algo muito importante para nós saber que a tarefa que Guillermo começou não concluiu. Mais do que isso, saber que existimos e que tomamos em nossas mãos a tarefa de levantarmos as bandeiras do trotskismo, do proletariado boliviano, da experiência do POR, que é, na realidade, uma forma pela qual a experiência histórica do proletariado mundial se materializou em sua luta contra o capitalismo, contra o imperialismo e que cabe a nós transformá-la em partido. Acredito que nessa questão, o importante é que colocamos um critério, que está sendo verificado como correto, quando dissemos que o Partido Internacional, o Partido Mundial da Revolução Socialista, a Quarta Internacional, só é possível de ser reconstruído a partir da compreensão da importância da criação de um partido programa. Que não se trata de realizar reuniões, congressos, reunir-se, aprovar teses quilométricas e proclamar que a Quarta foi fundada dez mil vezes, para acabar dividida e atomizada amanhã, para reiterar o ciclo de frustrações que marcou a história do trotskismo após a crise dos anos 1950. Acredito que, neste campo, aqueles de nós que decidiram levantar as bandeiras da luta para criar um partido revolucionário, reafirmam que o caminho para reconstruir a IV Internacional é o de constituir um partido programa, o que significa saber como o capitalismo se materializou em seu país, como a classe operária foi estruturada e como a revolução proletária avança em um contexto concreto, que é o da nação oprimida, em cada lugar, e que cada seção nacional esteja firmemente enraizada e se torne a direção política da classe operária em seu país. É assim que avança a revolução socialista mundial. E eu acho que nós estamos nesse caminho, acho que aqueles que decidiram levantar essa bandeira entenderam que o futuro está apontando para a formação dessa direção. Eu penso e digo, o proletariado brasileiro é composto por 15, 16 milhões e quando esse proletariado for liderado pelos trotskistas, pelo partido revolucionário, então terá chegado a hora do capitalismo. Ou na Argentina, quando esse imenso movimento operário seja ganhado para a revolução proletária e tenha seu partido à frente, terá chegado a hora do capitalismo, terá acabado o sistema decadente em que vivemos, e desde América Latina poderemos dizer que colocamos em pé a construção da nova sociedade. Acredito que essa perspectiva está se abrindo, acredito que a maior homenagem a Guillermo será justamente avançar e aprofundar o que se estabeleceu como conquistas programáticas, como conquistas do desenvolvimento político do proletariado mundial. Estou muito grato por este excelente programa, é uma grande iniciativa e vamos copiar o exemplo. Saudações da Bolívia.

14 anos do falecimento de Guillermo Lora

Memória eterna ao dirigente do Partido Operário Revolucionário da Bolívia e do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

Atílio de Castro – POR Brasil

Abaixo publicamos a entrevista promovida pela live @valter.ponto, no dia 12 de maio – Tributo ao Militante Marxista Revolucionário Guillermo Lora (14 anos de seu falecimento). Essa atividade fez parte da Campanha de reconhecimento da militância marxista-leninista-trotskista de Lora e a sua contribuição à luta pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional. Os subtítulos foram colocados para destacar os principais aspectos da exposição, realizada por Atílio de Castro.

Boa noite ao camarada e a todos os nossos ouvintes. Eu agradeço em nome do POR a possibilidade de fazer uma saudação ao nosso camarada Guillermo Lora, que faleceu há quatorze anos. Foi na data de 17 de maio de 2009, o seu falecimento. Esse é o motivo desta live e o da campanha que o POR do Brasil e o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI) estão realizando, de forma a recordar não só a obra do Lora, mas a figura que foi esse homem extraordinário, cuja dedicação à luta revolucionária foi total. Lora se colocou à altura de um militante profissional, como um Lênin, um Trotsky, uma Rosa Luxemburgo, um Liebknecht. Se colocou à altura pela sua dedicação, pela enorme resistência às terríveis pressões que todo revolucionário sofre, seja pela repressão do Estado, seja pelas dos próprios adversários políticos. Lora esteve preso, ficou confinado em uma espécie de campo de concentração, devido justamente ao trabalho que o POR da Bolívia vinha realizando, e também tempo esteve exilado, teve de sair

da Bolívia, esteve no Chile, na Argentina. Levou uma vida como todo revolucionário que se dedica à luta de classes, como acaba tendo todo revolucionário.

Esse é um lado que o Lora constantemente procurou incentivar, inclusive quando estávamos mais próximos dele nos momentos iniciais da nossa militância no Comitê de Enlace. Lora sempre deu muita importância ao problema do militante profissional, tendo por base a experiência de construir o POR. Quer dizer, o militante profissional não é aquele que ganha para militar, é aquele que dedica a vida à revolução proletária. Dedicar a vida à revolução proletária em todos os níveis, em todas as facetas, em todos os parâmetros. Lora foi essa figura, esse homem, essa dedicação desde muito jovem. Esteve junto aos mineiros, justamente devido a uma situação de perseguição política, porque a célula de La Paz, por ter feito um trabalho de propaganda contra o imperialismo, contra opressão norte-americana, sobre a Bolívia, um país capitalista atrasado,

semicolonial, Lora e sua célula sofreram uma perseguição brutal, o que o levou a viver com os os mineiros, num acampamento mineiro, em Oruro, e de lá surgiu as Teses de Pulacayo, em 1946.

A vida política de Lora reflete a militância profissional, não apenas do ponto de vista da inflexibilidade, da dedicação ao extremo, mas também da qualidade muito especial do militante leninista, que é a de unir a teoria e a prática. A unidade entre teoria e a prática faz com que, em qualquer parte do mundo que tenha um partido marxista que una a teoria e a prática, com certeza vai ajudar no desenvolvimento da teoria, da teoria revolucionária, que tem toda a sistematização científica, histórica, estabelecida por Marx e Engels, Lênin e Trotsky, mas sabemos que não é estática, e que está em constante incorporação de novos elementos, e são elementos que surgem das particularidades nacionais, onde o partido está imerso. Lora - não só pelos embates dos marxista-leninista-trotskistas, como também

pela experiência na construção do POR - sempre criticou severamente os pseudos intelectuais ou intelectuais que se reivindicam do marxismo, que se reivindicam do trotskismo, e que não reconheciam que a revolução exige que a construção do partido em determinada realidade tem de extrair as particularidades nacionais como reflexo da realidade maior, da realidade determinante que é a economia mundial. As economias nacionais não são uma somatória, são integradas e estão condicionadas pela economia mundial, foi assim que o capitalismo se desenvolveu até nossa época, que é a época de desintegração, a época do imperialismo.

Dedicado empenho na defesa do internacionalismo proletário

Lora se guiará pelo trabalho de mergulhar nas questões bolivianas, sem perder a orientação geral do internacionalismo, das leis gerais da revolução, porque o que Marx

Lora esteve preso, ficou confinado em uma espécie de campo de concentração, devido justamente ao trabalho que o POR da Bolívia vinha realizando, e também tempo esteve exilado, teve de sair da Bolívia, esteve no Chile, na Argentina. Levou uma vida como todo revolucionário que se dedica à luta de classes, como acaba tendo todo revolucionário.

e Engels nos deixaram, como legado científico, é que as revoluções seguem determinadas leis que são leis da economia, leis da política, leis da história. Não é um processo cego, não é casual, é um processo histórico. E isso implica que para construir o partido tem de haver assimilação das conquistas do proletariado em seu longo embate com a burguesia, seus governos e seus Estados. É preciso haver uma assimilação da teoria, das conquistas do passado, das lições do passado, temos de aprender com as lições do passado e se lançar na solução dos problemas que estão em suas mãos. Estão nas mãos da classe operária em um determinado momento, em uma determinada situação.

A história do POR é longa. Foi fundado em 1935, em Córdoba, Argentina. Um dos militantes, José Aguirre Guinsborg, que se achava exilado no Chile, devido se destacar na luta contra a Guerra do Chaco, foi expulso do Partido Comunista Chileno já estalinizado e acabou se exilando na Argentina e constituindo o POR nesse período, em 1935. Mas Lora mostra, na história do POR, em inúmeros documentos, - ele investigou muito a origem do POR da Bolívia - que houve um momento crucial na vida do partido, e que se não houvesse esse momento o POR não existiria como existe hoje, que o entroncamento entre o marxismo que aquela juventude estava assimilando e o proletariado mineiro. Foi nesse momento que se soldou a teoria revolucionária, o programa revolucionário, as ideias revolucionárias, com os instintos revolucionários do proletariado. Lora expõe muito essa ideia dos instintos revolucionários do proletariado, no sentido leninista, de que a teoria não nasce espontaneamente, a teoria é um processo científico, histórico, mas que para que se realize é necessário que passe a expressar os instintos revolucionários do proletariado, que é a classe revolucionária.

Essa experiência que teve com os mineiros, principalmente, em 1946, determinou o percurso do POR da Bolívia. Lora vai investigar bastante, vai enfatizar muito, porque essa é uma lição muito particular da Bolívia. Os mineiros são uma particularidade. A Bolívia não tem uma indústria desenvolvida, mas o proletariado mineiro é essa expressão, como parte do proletariado mundial. Estava lá enfiado nas minas, mas como expressão do capitalismo, da exploração capitalista, em um país extremamente atrasado. Então este vínculo da teoria marxista com o instinto revolucionário do proletariado vai aparecer nas Teses de Pulacayo, vai se cristalizar, digamos assim, nas Teses de Pulacayo, em 1946. É por isso que o POR dá muito valor. E nós marxista-leninista-trotskistas damos muito valor. É importante essa constatação, porque as outras correntes trotskistas, que se colocaram no campo do revisionismo, foram obrigadas a reconhecer as Teses de Pulacayo. Nenhuma corrente rejeitou essas teses. O POR tem os adversários nos próprios revisionistas do trotskismo. Tem um de seus maiores adversários, ficando abaixo somente do stalinismo, que é o grande adversário de marxismo-leninismo-trotskismo, os revisionistas que necessariamente

não tiveram como desconhecer e combater as Teses de Pulacayo.

Essa experiência, esse embrião do POR nesse período da década de 1940, vai possibilitar que Lora e seus camaradas, que estão se formando, que estão dando suas primeiras formulações partidárias mais precisas, no sentido leninista do partido, encontrem justamente no Programa de Transição da IV Internacional a sua aprendizagem e a sua aplicação nas particularidades bolivianas, e é por isso que nas Teses de Pulacayo encontramos justamente a presença das leis da revolução proletária, que são as leis que se encontram no Programa de Transição, e que se encontram, anteriormente, no programa dos Quatro Primeiros Congressos da III Internacional Comunista, cuja estratégia é a da ditadura do proletariado e o método é o da luta de classes.

O fato do POR entender, nesse momento, que a revolução na Bolívia era uma revolução proletária, mas com determinadas particularidades, porque Bolívia é um país de economia atrasada, semicolonial, que justamente isso implicava ao partido uma tarefa, que era a de elaborar o programa. Não adianta alguém pensar que basta adotar o Programa de Transição que se resolve tudo. Isto um absurdo. O Programa de Transição revela as leis da revolução e o método próprio do materialismo histórico, de forma que as reivindicações e a estratégia estejam intimamente soldadas. Os marxista-leninista-trotskistas se apoiam nele para a elaborar o programa onde e por onde a revolução vai se desenvolver.

Podemos afirmar, pelo menos de tudo que lemos dos escritos de Lora, que o POR nasceu em 1935, e a importância dessa origem está no fato dele estar ligado à oposição de esquerda trotskista. Embora nesse período o POR, até 1946,

não tivesse uma vinculação orgânica com a IV Internacional, foi fundamental o fato de ter se insurgido contra o revisionismo estalinista. A necessidade desse vínculo com a organização fundada pela Oposição de Esquerda Internacional, sob a direção de Trotsky, em novembro de 1938, vai se impor justamente quando o partido passa a ser expressão do proletariado mineiro. Aí sim, o problema se abre, o universo se abre, a perspectiva se abre, e aí se vai verificar toda a questão camponesa, a questão indígena, o problema da lei do desenvolvimento desigual e combinado, de como funciona o sistema capitalista, e Lora vai aprimorar, vai estudar esta lei do desenvolvimento desigual do modo de produção capitalista, que foi reconhecida por Marx/Engels, assimilada por Lênin e por Trotsky, que a aprimorou com a noção de desenvolvimento combinado. Trotsky vai desenvolver a ideia da combinação deste sistema, onde aparecerá, numa só unidade, formas pré-capitalistas de produção entrelaçadas às formas capitalistas de produção, sendo determinantes as leis de desenvolvimento das forças produtivas do sistema capitalista de produção. Essa noção da realidade boliviana implica certas tarefas da revolução proletária, que são as tarefas democráticas, que a

Então este vínculo da teoria marxista com o instinto revolucionário do proletariado vai aparecer nas Teses de Pulacayo, vai se cristalizar, digamos assim, nas Teses de Pulacayo, em 1946. É por isso que o POR dá muito valor. E nós marxista-leninista-trotskistas damos muito valor.

classe operária tem de resolver, em aliança com o campesinato e em resposta à tradição indígena, a resistência indígena contra a opressão. A questão da autodeterminação das nacionalidades indígenas ocupa um lugar particular na revolução proletária na Bolívia. O que exigiu um profundo conhecimento histórico das nacionalidades e das relações de classe desenvolvidas pelo capitalismo.

O Lora vai sentir a necessidade de assimilar profundamente a teoria da revolução permanente. Por isso que a teoria da revolução permanente mereceu um livro de Lora, e há muitos trabalhos sobre essa noção histórica da revolução proletária mundial. Talvez a teoria da revolução permanente e a lei do desenvolvimento desigual e combinado tenham calado fundo na sua compreensão, na sua militância e na sua contribuição ao marxismo. Nota-se que o dirigente porista se dedicou a mostrar como é que a revolução permanente, tendo na sua interligação com a lei econômica do desenvolvimento desigual e combinado, vai materializar a fisionomia do programa revolucionário do POR.

A intervenção do POR na revolução de 1952

Então eu passo para um outro momento: a revolução de 1952. O POR esteve presente, momento esse muito elevado na vida política do partido, justamente porque o POR compreendeu a necessidade da aliança operária e camponesa, nas condições concretas em que a força do nacionalismo burguês do MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário) era muito grande. O MNR tinha força nos setores camponeses, indígenas etc., e arrastava os mineiros. Então, na revolução de 1952, o POR conseguiu fazer não só uma intervenção sistemática, mas também incorporar no programa as experiências, que incluem o reconhecimento dos erros e das fragilidades partidárias, de forma a incorporar na teoria programática os grandes acontecimentos da luta de classes, que emergem em uma revolução. A revolução de 1952 passa a ser vital na elaboração do programa do POR. Por exemplo, o POR do Brasil não passou por nenhuma revolução, esse é um grande problema para nós. Não fomos testados. Ampliando o horizonte da questão: que partido trotskista da América Latina passou por uma revolução e foi testado? Só o POR. Aí está a fortaleza. A fortaleza do POR nesse momento.

Em 1952, o POR continuava isolado da IV Internacional, e a IV, ou seja, a direção que herdou a IV Internacional de Trotsky não estava à altura. Não estava à altura de responder mundialmente ao processo revolucionário. Uma direção que foi incapaz de ver, observar uma revolução em um país semicolonial, que estava em choque profundo com o imperialismo norte-americano na América Latina, não ser capaz de compreender e de apoiar a política revolucionária do POR, estava fadada ao fracasso, e foi o que aconteceu. Michel Pablo, o pablismo, foi o responsável por uma revisão da IV Internacional em 53, que acabou levando ao seu estilhaçamento no período que abrange a

década de 1960. O Pablismo, e daí saiu o mandelismo, e outras tendências, como por exemplo o Partido Socialista dos Trabalhadores dos Estados Unidos (SWP), concluiu no mais burdo revisionismo. Esse momento é muito importante para se compreender por que, de conjunto, as variantes do revisionismo da IV Internacional se apresentaram unidas contra o POR da Bolívia. Eu falo aos camaradas, o pablismo foi derrotado na Bolívia. Do ponto de vista teórico, do ponto de vista da concepção de programa e do ponto de vista da concepção de revolução. O pablismo acabou sendo conivente com a posição governamental do MNR, enquanto o POR estava em choque total com o nacionalismo. Pela caracterização marxista-leninista-trotskista que tinha do caráter da revolução. Se o POR não tivesse em 1946 elaborado o caráter da revolução, certamente não passaria pela prova da revolução de 1952. Queria chamar atenção para essa ideia, que me parece importante nessa questão.

O lugar do POR na Assembleia Popular

Por último, temos de colocar a Assembleia Popular de 1971, que foi a forma avançada de uma de uma organização, que Lora caracteriza como soviética, e que um golpe militar abreviou a sua vida. Um golpe fascista, de Banzer, que foi um ponto alto do golpe fascista na América Latina, como foi o de Pinochet, no Chile. Essa experiência da fundação de uma organização frentista, que tinha esse caráter soviético, que o POR era uma parte das correntes, que se diferenciou e se destacou por estar munido da estratégia da revolução e ditadura proletárias, se deu no momento de uma crise profunda que ocorria na Bolívia e na América Latina. Era justa-

mente o momento em que o castrismo e Che Guevara acreditavam que era possível através da teoria do foco fazer a revolução. Grande parte das esquerdas foi arrastada para a teoria pequeno-burguesa da revolução foquista. O pablismo, depois de sua adaptação ao nacionalismo burguês, não resistiu às pressões do castro-guevarismo.

Então veja que o POR passou por uma pressão, imagine a pressão enorme que se estendia por toda a América. Nós temos um folheto sobre a luta armada no Brasil, em que estudamos todas as tendências da luta armada e vimos que não houve uma corrente nesse período no Brasil que tenha sido capaz de fazer uma crítica programática ao foquismo. E nós pagamos um preço alto por isso. Todas as correntes praticamente foram arrastadas no Brasil. Na Bolívia, se deu diferentemente. Porque as formulações de 1946, as Tese de Pulacayo e a experiência de 52 levaram o POR boliviano ao amadurecimento, era um partido já amadurecido para enfrentar um momento como esse de um movimento foquista na América Latina, em que se acreditava que era possível através dos focos armados levantar as massas camponesas e se viabilizar a revolução latino-americana. Esse foi um grande erro do estalinismo, que arrastou inclusive os pablistas, os mandelistas, que se equivocaram profundamente e se bateram contra o POR,

Lora, como Lênin, para destacar o mais avançado militante bolchevique, sem dúvida, mostrou sensibilidade para os problemas políticos, como se entende as leis da história, como se analisam os problemas e como se responde do ponto de vista científico ao processo da luta de classes.

se chocaram contra o POR e ficaram à margem da Assembleia Popular.

O partido é o programa

O que eu quero mostrar com esses largos traços é que o Guillermo Lora foi uma figura central nesse processo. A revolução, a construção do partido é uma obra coletiva, não é obra de indivíduo. Indivíduos não criam a revolução, não criam o partido proletário. No entanto, as faculdades individuais, a dedicação, o trabalho, a seriedade, a clareza do militante profissional, como Lênin caracterizou, e que Lora assimilou plenamente, isso está explicado em muitos de seus livros. Nas Obras completas, se tem um percurso da história de construção do partido-programa, que deve ser estudado e incorporado na luta pela reconstrução da IV Internacional. Nos momentos cruciais da luta de classe na Bolívia, na América Latina e em outras latitudes, o POR deu passos avançados na elaboração programática que reflete inconfundivelmente a aplicação do Programa de Transição da IV Internacional, que expõe a elaboração do programa e da experiência revolucionária, para os quais o Lora teve esse papel central, como Lênin na revolução russa, em processo de elaboração coletiva com os revolucionários que foram capazes de erguer o partido da revolução proletária. Lora, como Lênin, para destacar o mais avançado militante bolchevique, sem dúvida, mostrou sensibilidade para os problemas políticos, como se entende as leis da história, como se analisam os problemas e como se responde do ponto de vista científico ao processo da luta de classes.

Queria concluir essa exposição com a seguinte ideia, às vezes conversando eu falo para os camaradas assim, presta atenção, como é que em país camponês, com os mineiros vivendo nas profundezas das minas, nas condições mais miseráveis, mais atrasadas, surge um militante, que às vezes nos países avançados como a França, Estados Unidos, onde a direção da Quarta Internacional esteve sediada, depois voltou para França, como é que nesses países tão avançados não se ergue um cérebro tão valioso, tão extraordinariamente perspicaz, e inflexível, do ponto de vista da luta de classes, frente aos partidos da burguesia, conciliação de classe, etc. Os grandes exemplos do marxismo se encontram na Europa. Mas também os piores exemplos de revisionismos, adaptações ao capitalismo, traições e falsificações do marxismo-leninismo-trotskismo. Socialdemocracia, estalinismo e revisionismo de pseudos trotskistas são responsáveis pela profunda crise de direção. A resposta do porquê o marxismo foi preservado e elevado em um país como a Bolívia está em que o proletariado é mundial. E o marxismo é uma ciência, que pode ser assimilada em qualquer parte do mundo, desde que haja essa dedicação, desde que haja esse trabalho que o Guillermo fez, aproveitando as

condições particulares da luta de classes em seu país como parte da luta de classes mundial. E esse trabalho tem uma característica essencial, que é como o intelectual se proletariza.

O Lora foi justamente este estudante que se meteu onde estava o proletariado mineiro, e se proletarizou de fato. Existe o intelectual que se coloca como marxista, e o marxista que é intelectual. Quer dizer, esse marxista que é intelectual, é aquele que, vindo da pequena-burguesia (no passado distante, da própria burguesia), se proletariza profundamente. Então, Lora nos deixou uma herança extraordinária, que é uma herança combatida pelos revisionistas do trotskismo. Este é o maior crime que as correntes centristas, revisionistas que combatem o POR Bolívia, cometem. Isso porque eles estão se chocando contra uma conquista da classe operária. Um capital mundial da classe operária, que se tornou imprescindível para a revolução em um país extremamente atrasado e, como tal, para a luta pelos Estados Unidos Socialistas da América Latina. Isso porque estão se confrontando com uma elevação teórica e política, que podemos dizer que é de continuidade da IV

Internacional. Se tomarmos a literatura, os estudos, as formulações que vêm dos lambertistas ou que vem inclusive do cérebro que mais escreveu, como é o caso de Ernest Mandel, que tem uma obra extraordinária, nunca chegou a ser um trotskista pleno. Sua obra se perdeu em meio ao revisionismo pablista.

O dever marxista de assimilar e aplicar as experiências do POR da Bolívia

Nossa homenagem ao Lora não é uma homenagem formal. Não temos esse interesse. O Lora dis-

pensaria isto se nós tentássemos colocá-lo num pedestal. Ele tem inclusive momentos dos seus trabalhos em que diz, olha um militante tem de ser vivo, tem de entender com a sua própria cabeça, não se prender ao dogmatismo etc. A realidade está sempre exigindo novas respostas e o revolucionário é aquele que se põe a dar as respostas como exigência da elaboração coletiva e da intervenção do partido na luta de classes, tendo por base a experiência do mundial e uma teoria consolidada, que é o marxismo. Uma teoria consolidada não tem como capitalismo derrubar e extirpar, jamais. Lora deixou uma obra de setenta volumes. É uma obra extraordinária. Estudando esta obra se verifica que o dirigente do POR e do CERQUI trata de todos os problemas que estão vinculados às transformações revolucionárias, que não são transformações revolucionárias só na Bolívia, sua visão de internacionalismo deixa muito claro que uma revolução na Bolívia é parte da revolução latino-americana, um elo da tarefa histórica de conquistar os Estados Unidos Socialista da América Latina, que foi programaticamente elaborado por Trotsky, sob a mesma diretriz dos Estados Unidos Socialistas da

A resposta do porquê o marxismo foi preservado e elevado em um país como a Bolívia está em que o proletariado é mundial. E o marxismo é uma ciência, que pode ser assimilada em qualquer parte do mundo, desde que haja essa dedicação, desde que haja esse trabalho que o Guillermo fez, aproveitando as condições particulares da luta de classes em seu país como parte da luta de classes mundial.

Europa e do Mundo. A luta do proletariado por enterrar o capitalismo na América Latina é uma tarefa da revolução mundial. É nesse marco que Lora deixou uma magnífica história do movimento operário da Bolívia, elaborações de sínteses teóricas sobre a revolução permanente, a lei do desenvolvimento desigual e combinada, um trabalho valioso de aplicação da noção de guerrilha e de crítica ao foquismo, inspirado na experiência que vem do bolchevismo. As respostas ao problema da educação, a exposição sobre a unidade entre a teoria e a prática, o problema da educação do indígena na Bolívia etc., a aplicação do materialismo histórico, do materialismo dialético no processo da educação, são conquistas que fortalecem o marxismo.

Para concluir, não podia deixar de falar da importância do seu livro “A Contrarrevolucionária Perestroika. Derrocada da Burocracia Estalinista”, no qual Lora desenvolve as posições do marxismo-leninismo-trotskyismo contrárias ao movimento contrarrevolucionário expresso por Gorbachev. Chegava-se a um momento da contrarrevolução em que se colocava de maneira bem visível como o stalinismo impulsionava o processo de restauração capitalista. “A Contrarrevolucionária Perestroika” é um livro extraordinário porque foi escrito antes da dissolução da URSS em 1991, mostrando como que a revolução política, formulada programaticamente por Trotsky, mantinha toda a sua vigência, toda a sua necessidade, sendo, portanto, imprescindível para derrotar a contrarrevolução em marcha e impedir a restauração capitalista. É uma obra muito particular essa, extraordinária, que todo militante tem de estudar. Depois desse livro, Lora vai escrever sobre o avanço da restauração em momentos diferentes, seguindo o processo que levou à dissolução da União Soviética, sendo os seus últimos escritos realizados em 1998, sempre mostrando o acerto histórico de Trotsky em sua luta contra a degeneração estalinista e em defesa da revolução política. O que tem uma importância muito grande hoje para se entender a que ponto chegou a restauração capitalista. E, necessariamente, para responder à guerra na Ucrânia.

Segunda parte da intervenção

Temos de entender que a transformação do capitalismo em socialismo e seu avanço para a sociedade sem classes, o comunismo, é um processo que não evolui em linha reta. A classe operária sofreu muitas derrotas em sua história, talvez, mais derrotas do que vitórias. Mas, as grandes vitórias que a classe operária obteve comprovam as leis da história expostas por Marx e Engels, de que, inevitavelmente, o capitalismo tem de ceder lugar a uma sociedade superior, assim como o feudalismo teve de ceder lugar a uma sociedade superior que é o capitalismo. E o capitalismo não é um sistema eterno. É um sistema que está esgotado. Mais do que nunca, constatamos e entendemos historicamente, por meio dos acontecimentos mundiais do passado e do presente, que barbárie se instalou há muito e que sofre hoje novos impulsos no mundo inteiro. Nesse exato momento, os migrantes nos Estados Unidos estão sendo reprimidos, são centenas que não podem entrar na maior potência do mundo e são brutalmente reprimidos. Mais temeroso, no entanto, é a guerra na Ucrânia e os perigos de uma conflagração na China, acossada pela guerra comercial chefiada pelo imperialismo norte-americano.

Como estamos tratando do trabalho de Lora, portanto, da história do POR, o esmagamento da Assembleia

Popular pelo golpe fascista de Banzer foi uma importante derrota da classe operária boliviana. Não se pode ocultar que as grandes derrotas provocam regressões. Regressões, evidentemente, que não são do ponto de vista do programa, são regressões do ponto de vista da organização independente da classe operária. Quando se tem regressão na luta de classes no capitalismo, o proletariado suporta regressão organizativa que se evidencia na perda de independência. Então, é claro que a contrarrevolução que acabou se impondo em 1952 resultou em uma contraofensiva dos explorados que se verifica na organização da Assembleia Popular de 1971, que não teve como levar a classe operária ao poder e superar o processo contrarrevolucionário encarnado pelo MNR. Os acontecimentos de 1952 a 1971 marcam a polarização da luta de classes na Bolívia, e, portanto, um curso de revolução e contrarrevolução, estando o POR seu epicentro. O que exigiu análise, formulações e respostas programáticas. Lora se situa à frente dessa tarefa. De forma que houve vitórias e derrotas nesse percurso, sendo que a contrarrevolução triunfou, provocando um grande retrocesso organizativo do proletariado, mas as experiências acumuladas na forma do programa, da concepção e da teoria marxista-leninista-trotskyista deu um salto qualitativo à frente. É disso que estamos tratando hoje nessa comemoração dos 14 anos do falecimento de nosso camarada. Temos de aproveitar o máximo das lições dessa experiência, que afetou a luta de classe não só na Bolívia, mas também na América Latina.

Nesse mesmo sentido, é importante a derrota sofrida pela tentativa de Che Guevara de organizar a guerrilha na Bolívia e que esteve marcada pelos erros de concepção foquista. Lora nos deixou precisos escritos sobre as diferenças entre o método da guerrilha e do foquismo que não expressa a ação organizada dos próprios explorados em seu combate à ditadura de classe da burguesia. Nesse particular, não devemos esquecer o que se passou no Brasil com a luta armada no Brasil dos anos de 1970 que seguiu a linha do foquismo, em grande medida influenciada pelo que se passava na Bolívia. As derrotas impostas pela burguesia ao movimento foquista ocorreram à margem do movimento da classe operária, que se achava duramente reprimido e controlado pela ditadura militar.

Em todos esses enfrentamentos que a burguesia saiu vitoriosa, estabelece uma nova etapa na sua dominação. Então, é claro que o POR boliviano, depois da derrota da Assembleia Popular, vai vivenciar um problema que é o de como que a decadência econômica da Bolívia se expressa no fracasso da Revolução de 1952 de realizar um programa de independência nacional, de industrialização e modernização agrária que o MNR como reformista se propunha a realizar, condição essa para superar as formas atrasadas, ainda pré-capitalistas na Bolívia, que bloqueavam o desenvolvimento das forças produtivas do país. O fracasso em cumprir as tarefas próprias da revolução democrática foi o fracasso do nacionalismo burguês, foi o fracasso de uma direção democrático-burguesa, de um partido pequeno-burguês que era o MNR. Se tivesse triunfado a revolução, com o POR na direção, certamente essas transformações econômicas seriam profundas, emancipariam a Bolívia atrasada, semicolonial, do domínio imperialista e libertariam as forças produtivas das travas do pré-capitalismo, uma vez que as tarefas da revolução democrática seriam parte da revolução proletária. Constata-

-se que a luta heroica, que se deu tanto em 1952 quanto em 1971, não mais se reproduziu em tal magnitude, embora a luta de classes continuasse aguda e levantes de massa ocorressem diuturnamente. Há que se concluir que os retrocessos verificados nas derrotas do período analisado resultaram em acúmulo de experiência encarnada pelo POR sob a direção de Guillermo Lora. As condições para a Revolução Proletária na Bolívia permanecem. Esse país do altiplano é o que está mais maduro na América Latina, do ponto de vista das condições subjetivas, ou seja, da existência do partido-programa. As conquistas na forma do Programa e de organização partidária marxista-leninista do POR estão de acordo com as atuais condições objetivas, para a retomada das tarefas democráticas não cumpridas pela Revolução de 1952 e da organização estabelecida pela Assembleia Popular esmagada em 1971 no âmbito da revolução proletária.

Lora, faleceu em 2009, portanto, seus últimos escritos vão, justamente, abranger a ascensão do “Movimento ao Socialismo” (MAS). O MAS ainda continua no poder, mas dividido, quebrado e enfraquecido. Lora, baseado na rica experiência da luta contra o nacionalismo pequeno-burguês, estabeleceu a linha proletária do POR em choque frontal com a caricatura de uma revolução indigenista. Ao contrário, houve uma adaptação quase generalizada das correntes de esquerda ao MAS, não só estalinistas, como era de se esperar, mas também das correntes que se reivindicam do trotskismo. A queda do governo do MAS e a fuga do presidente Evo Morales (...) confirmaram o prognóstico do POR e permitiram que interviesse no interior do levante de massas com a estratégia revolucionária e se destacasse pelo combate no campo da independência de classe e em contraposição às forças burguesas e pequeno-burguesas que acabaram por substituir um governo burguês por outro.

Nos escritos de Lora, está clara a necessidade de evidenciar que essa experiência com o MAS e seu caudilho Evo Morales têm suas raízes, já apodrecidas, nas experiências do passado que revelam a caducidade do nacionalismo burguês e pequeno-burguês. É nesse marco histórico – como se pode encontrar na vasta obra deixada por Lora, que POR na Bolívia constituiu-se como o único partido, de fato, marxista-leninista-trotskista. Praticamente, não há correntes trotskistas na Bolívia, a não ser pequenos agrupamento sem transcendência programática, que são rendados, que são alimentados de fora pelas correntes que confundem internacionalismo com formação de agrupamentos servisais, como se passa com a LIT, com a organização internacional do PTS etc. Então, vê-se que essa luta foi e tem sido profunda, do ponto de vista do programa da revolução proletária, dos seus métodos e da experiência histórica. A experiência histórica se confunde com a “teoria” em abstrato. Os últimos escritos do Lora sobre o MAS revelam que o objetivo que se encontram nas ideias indi-

genistas de pretender transformações no capitalismo atrasado para criar um capitalismo particular na Bolívia não passa de impostura burguesa diante do processo histórico, cujos antecedentes da revolução de 1952 e da Assembleia Popular não têm com serem apagados ou desconsiderados. O fato do proletariado mineiro se encontrar muito reduzido tem pesado muito no processo revolucionário na Bolívia. O proletariado mineiro, na sua forma mais primitiva do passado dos anos de 1940 e 1950 – a forma mais primitiva é aquela em que não está domesticado, sabe-se que a burguesia doméstica a classe operária – sofreu grandes transformações. A experiência atesta que a social-democracia alemã, para tomar o exemplo de outra realidade, traiu o proletariado contando com a sua domesticação. Esse é o papel atribuído à camada aristocrática do proletariado. O proletariado bruto, como se constituíram os mineiros bolivianos, é que reflete melhor o instinto revolucionário. O instinto revolucionário vem exatamente daqueles que mais padecem com as agruras do capitalismo.

Então, surge a pergunta: mas o POR tem 88 anos, por que não fez a revolução? O próprio Lora procura responder, mostrando que esse é um processo histórico que não se resolve simplesmente porque o partido tem o programa correto, é preciso considerar as forças históricas. As correntes que combatem o POR nunca compreenderam - e

Praticamente, não há correntes trotskistas na Bolívia, a não ser pequenos agrupamento sem transcendência programática, que são rendados, que são alimentados de fora pelas correntes que confundem internacionalismo com formação agrupamentos servisais, como se passa com a LIT, com a organização internacional do PTS etc.

não se esforçaram em compreender – o alcance histórico da Revolução de 1952 e da Assembleia Popular, não estudam a história do POR nas condições concretas da luta de classes, dos massacres sofridos pelos mineiros, pelos golpes militares e do peso conservador do campesinato, embora explosivo quando se levanta. É cansativa repetição de que o POR não cumpriu seu dever revolucionário em 1952, que colaborou com o MNR, e que, assim, não levantou a bandeira de todo poder à Central Operária Boliviana (COB), que no momento de sua criação se caracterizava como organização de duplo poder, como foram os soviets na Revolução Russa. É grosseira a repetição unívoca de que o POR a traiu a Revolução de 52, porque se negou a defender todo o poder à COB. Há pessoas que acreditam nessa versão dos revisionistas do trotskismo (pablistas e morenistas, sobretudo). Mas fazer o quê? Há pessoas que acreditam nessa falsificação da realidade, e acabam repetindo como se fosse uma lenda.

Essa ideia de que o partido é o programa não é uma ideia de Lora. É de Lênin, mas muito bem assimilada e formulada pelo dirigente do POR sobre a base da construção do partido marxista-leninista. Nota-se a influência do Que Fazer, de Lênin. O partido concentra a consciência histórica do proletariado, identificando, reconhecendo e aplicando as leis gerais das transformações na realidade particular de cada país. Agora, essa consciência histórica partidária não é nada sem o extinto comunista da classe operária. Isso é, fora do extinto da classe operária, das suas rebeldias, das suas revoltas, do seu sofrimento e das suas

dores, não se forma a vanguarda com consciência de classe. Essa vanguarda revolucionária se solda profundamente com a vida da classe operária, com os seus problemas, inclusive, com os seus atrasos, principalmente, com os seus atrasos. Conhecendo muito bem os seus atrasos. Tendo o cuidado de reconhecê-los, os marxistas nunca quiseram ensinar nada para a classe operária, nunca quiseram ser professor da classe operária. Lora formula a relação da vanguarda revolucionária com os instintos da classe operária, evidenciando que não somente a ação disciplinada do partido transforma a classe, mas também a classe com seus exemplos de luta, age e transforma o partido. A Revolução Russa é o maior laboratório. A maioria que fez a revolução não era comunista. Não participava do partido bolchevique. No entanto, expressou seu instinto revolucionário por meio do partido que de fato agia com clareza e cumpria o objetivo histórico de levar o proletariado ao poder em aliança com o campesinato que formava maioria oprimida. Aí se funda a formulação marxista de que o partido é o programa. Lora insistiu. Falava: olha não tem como pôr em pé um partido revolucionário, se vocês não elaborarem o programa. A tarefa de elaborar o programa exige um trabalho sistemático de intervenção no interior da classe operária. E aí que vocês vão formular o programa. Não se elabora o programa no gabinete. Elabora-se na luta, no enfrentamento. O POR fez esse percurso, e tem de continuar fazendo, porque o programa não é estático, não é uma fórmula acabada.

Nós, no Brasil, temos tomado o cuidado de nos constituir como partido-programa. Com muita dificuldade, devido ao nosso desenvolvimento embrionário. Mas, estamos voltados para expressar política e organizativamente a luta de classes, e, no enfrentamento com a burguesia, identificar por onde passa a revolta instintiva dos explorados e aprender com a classe operária. Ver a classe operária com seus problemas, com suas virtudes e defeitos. Daí a importância de estudar a obra deixada por Lora como experiência viva do proletariado e dos demais explorados bolivianos. Dessa necessidade, deriva para os marxistas em todos os países o reconhecimento imprescindível da noção de que o partido é o programa. Para que se entenda e se pratique essa tese em toda a sua extensão, o programa que se formula tem de ser expressão da luta de classe do proletariado e do todo o processo de composição do capitalismo. Evidentemente, não se trata de transpor mecanicamente as conquistas do POR boliviano para nossa realidade. Não se trata simplesmente de que Lora, com seus escritos, esteja ensinado para nós do Brasil, da Argentina ou de qualquer lugar que o partido é o programa. Trata-se de que o POR tem uma rica experiência consubstanciada em sua longa trajetória de luta pela revolução proletária e pelo internacionalismo proletário. É o que torna obrigatório aos marxistas que constroem o partido leninista aproveitar ao máximo o legado de Lora. Na Bolívia, não vai haver uma

Nós, no Brasil, temos tomado o cuidado de nos constituir como partido-programa. Com muita dificuldade, devido ao nosso desenvolvimento embrionário. Mas, estamos voltados para expressar política e organizativamente a luta de classes, e, no enfrentamento com a burguesia, identificar por onde passa a revolta instintiva dos explorados e aprender com a classe operária.

revolução transformadora a não ser que passe pelo programa formulado pelo POR. Não tem como ocorrer outra revolução que não seja proletária. Demore o que tempo que for, a revolução terá o seu momento, assentada na experiência que acumulada pelo marxismo-leninismo-trotskyismo que se acha implantado historicamente no proletariado mineiro, cuja orientação fundamental se mantém vigente nas Teses de Pulacayo. Vivendo tragédias como as dos massacres em Catavi e Siglo XX e resistindo como partido do proletariado que as formulações programáticas e teóricas do POR se acham fundidas com o instinto de revolta dos explorados bolivianos. É parte desse processo da luta de classes e da intervenção do POR a perda de militantes valorosos como os mineiros César Lora e Isaac Camacho, assassinados barbaramente pelos fascistas. Esses acontecimentos se converteram em carne, sangue e nervo entranhados na história política e organizativa do POR. O sangue proletário que rega o programa porista evidencia o percurso das ideias do marxismo-leninismo-trotskyismo, que não podem ser tomadas como uma teoria concebida abstratamente. São expressões da ampla experiência que o partido foi realizando no tempo. Eis por que é imperativo à construção do POR no Brasil e em outros países, principalmente na América Latina, aprender com a experiência histórica galvanizada pelo trotskyismo na Bolívia.

Lora era muito cuidadoso com a experiência do presente e do passado. Ele estudou muito os clássicos, estudou muito Lênin e tinha total compreensão que não foi Trotsky a ponta de lança da revolução. Alcançou a consciência que o grande teórico, o grande formulador foi Lênin. E esse profundo conhecimento do marxismo-leninismo foi decisivo para compreender e reconhecer que o “trotskyismo” se tornou a continuidade do marxismo-leninismo. Quando Trotsky chegou definitivamente ao reconhecimento da importância do bolchevismo, incorporou a experiência do processo revolucionário encarnado pelo marxismo-leninismo. Tudo que vinha construindo em favor da revolução proletária se solda em um só programa. Se funde e se torna um só programa, regido por fundamentos do socialismo científico de Marx e Engels. Se não fosse assim, Trotsky não teria como se levantar como oposição marxista-leninista ao stalinismo, à burocratização do Estado operário, do regime soviético. Não conseguiria realizar essa tarefa.

Lora vai entender esse lugar de Trotsky, não só na teoria geral da revolução permanente e da lei do desenvolvimento desigual e combinado que rege o capitalismo - desde 1905, Trotsky havia exposto a interdependência dessas duas leis da revolução socialista como essenciais para o programa - mas também vai entender profundamente o lugar de Trotsky na defesa da revolução política, diante do termidor estalinista. O programa da revolução política se tornou a pedra angular da luta da Oposição de Esquerda e da IV Internacional contra o processo de restauração

capitalista. Embora o POR padecesse do isolamento internacional - afinal a Bolívia é um país insular econômica e culturalmente, como reconhece Lora para enfrentar as dificuldades daí decorrentes - e um país isolado politicamente por todas as correntes do mundo inteiro, foi de lá, desse rincão, que é a Bolívia, que o Lora respondeu, estudou e entendeu todo o processo de burocratização que levaria à destruição da União Soviética, em 1991.

Se não fosse assim, o dirigente do POR não escreveria A Contrarrevolucionária Perestroika, um posicionamento em defesa da revolução política, na hora certa, no calor dos acontecimentos. Se tomarmos o momento da glasnost e perestroika, de Mikhail Gorbachev, secretário geral do Partido Comunista, não encontraremos nenhuma corrente que tenha desenvolvido uma explicação do processo de restauração, baseada nas formulações, nos diagnósticos e prognósticos de Trotsky sobre a burocratização, a restauração e a revolução política. O partido é o programa. Está aí graficamente aplicada a tese de que sem o programa não se tem como a vanguarda revolucionária encarnar a luta de classes do proletariado, que se dirige à derrubada da burguesia do poder, e, no caso da revolução política, à derrubada da burocracia restauracionista e do estalinismo revisionista. Não se deve entender essa formulação como um dogma ou fraseologia de esquerda. É uma premissa que serve ao processo histórico de formação do partido. E isso o bolchevismo mostrou muito claramente como direção que possibilitou a classe operária expropriar a burguesia e estabelecer a sua ditadura de classe explorada aos exploradores. Pela negativa, explica o fracasso da Comuna de Paris, depois de a classe operária ter chegado ao poder. O empenho de Lora em firmar a tese do partido é o programa, baseada nas experiências históricas anteriores e nas próprias protagonizadas pelo POR na Bolívia, tem um valor inestimável para materializar o internacionalismo marxista-leninista-trotskista.

O grande legado de Lora, como se constata, é que, na Bolívia, se deu a continuidade do marxismo-leninismo-trotskismo. Esse é o grande legado para a superação da crise de direção. Com assassinato de Trotsky, em 1940, os quadros que herdaram a IV Internacional se mostraram ser uma direção pequeno-burguesa, que não estava à altura de enfrentar uma situação de guerra mundial. Uma direção que não foi capaz de entender o lugar que o estalinismo iria cumprir na Segunda Guerra. Ao ponto de se fazer uma revisão nos fundamentos do marxismo-leninismo-trotskismo, que ampararam a necessidade histórica de fundação da IV Internacional. O revisionismo - não se dever confundir revisão com revisionismo, uma vez que nem toda revisão leva ao revisionismo - que emergiu no interior da direção passou a considerar que o estalinismo poderia cumprir um papel progressivo e, conseqüentemente, os trotskistas deveriam entrar nos partidos comunistas dos diferentes países. Essa foi a tese de Michel Pablo, que desgraçou a direção, que tinha a tarefa de afirmar as bases organizativas do Partido Mundial da Revolução Socialista edificadas sobre o Programa de Transição. O prematuro revisionismo pablista evidenciou que o fato de a IV Internacional não ter chegado a constituir os partidos (as suas seções) penetrados no proletariado em seus respectivos países permitiu um estilhaçamento no pós-guerra.

Trotsky trazia toda a experiência da Revolução Russa, toda a sua visão marxista-leninista da crise mundial, do

fascismo, do nazismo, das vitórias e derrotas do proletariado, todo esse grande universo da revolução e da contrarrevolução. Exilado, perseguido etc., com toda essa experiência, pôde nos deixar um legado extraordinário. Todas as avaliações de Trotsky de que o estalinismo ia levar à contrarrevolução, se não houvesse a revolução política, foram líquidas e certas. Esse legado tem de ter continuidade. A IV Internacional tem que ter continuidade. E onde está a continuidade? Em que partido do mundo está a continuidade se manifesta inconfundivelmente? Manifesta-se no POR da Bolívia.

Quando falamos dos 70 volumes dos escritos deixados por Lora, se trata um longo e complexo percurso, materializado na extraordinária formulação teórica e política. A vanguarda com consciência de classe pode encontrar na experiência da luta de classe na Bolívia a projeção da história do proletariado não só como projeção nacional, mas também como projeção do internacionalismo, da Revolução Mundial e, em particular, na América Latina.

A responsabilidade do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) é enorme, pois não pode haver uma ruptura desse legado. Esse legado tem que ser enriquecido. E será enriquecido no fortalecimento do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional. Se o POR da Bolívia continuar se potenciando, ainda que os mineiros estejam cada vez mais debilitados - o proletariado não é puramente boliviano, é mundial - a herança deixada por Lora impulsionará a luta do CERQUI no sentido de superar a crise de direção. Em qualquer país, temos de nos apoiar no proletariado mundial, com todas suas particularidades nacionais, como já expus anteriormente. Essa é a condição para valermos do legado deixado por Lora, sem o risco de interromper momentaneamente a continuidade.

A revolução russa criou a União Soviética. A União Soviética foi a maior vitória do proletariado no capitalismo da época imperialista. Não existiu nenhuma outra com essa dimensão. Isso porque a URSS não só colocou a Rússia no caminho da transição do capitalismo para o socialismo, mas agregou as nacionalidades oprimidas. Libertou as nacionalidades oprimidas, que é uma tarefa da revolução socialista. A grandeza de Lênin de compreender esse problema, da autodeterminação nacional, de compreender e mostrar como a Revolução Russa não sobreviveria sozinha, se a revolução não se estendesse para a Ucrânia, Azerbaijão, à região do Cáucaso etc. A Revolução Russa abriu caminho para a transição do capitalismo ao socialismo, que é de ordem mundial. O fato de ter caído a URSS é provisório, é transitório, pode demorar para o proletariado retomar o caminho da revolução socialista, mas inevitavelmente retomará. Às vezes, o Lora, nos seus escritos avalia que a restauração podia ser muito rápida, dada a possibilidade do proletariado entroncar seus instintos comunistas com a revolução política, mas a regressão é muito profunda e a barbárie está em passos avançados. A crise de direção tem de ser enfrentada nestas condições de regressão histórica. O legado de Lora é uma arma para essa tarefa, uma vez que encarna a continuidade do marxismo-leninismo-trotskismo.

Sem mais, obrigado.

Viva a revolução proletária!

Memória eterna a Guillermo Lora!



O POR do Brasil está completando 34 anos este mês. São mais de 3 décadas construindo o programa da revolução proletária no Brasil, como parte da revolução proletária mundial. Abaixo publicamos uma parte da campanha do POR realizada ao longo desses 18 meses de guerra na Ucrânia.



MASSAS

QUANTO MAIS VOTAR, MAIS VOTAMOS! VOTEMOS JUNTOS!

NÚMERO DO COTECHE DE 1964: 15.614 DE VOTOS E 10.826 DE VOTOS

Crescem as tendências de luta no interior da classe operária

Contra o fechamento de fábricas, contra os emprégoes, salários e direitos trabalhistas. Pela unificação das greves e protestos. Convocar assembléias nos sindicatos e comitês de fábrica.

Que as centrais, sindicatos e movimentos convocarem imediatamente uma Grande Manifestação de Luta, com paralisações e bloqueios

GUERRA NA VCRÁMIA

Agravar-se a crise mundial e nacional
Contra a classe operária organizada
 tem como responder com o programa revolucionário a desintegração



11 anos de falecimento do camarada Guillermo Lora, dirigente do POR da Bolívia

Memória eterna a Guillermo Lora!

MASSA

Grupos empresariais de primeiro mundo rejeitam o
pedido de controle de preços pela reconstrução da infraestrutura
do país. O preço médio das ações de empresas de infraestrutura
caiu 1,5% na semana passada.

**Três meses
de guerra
na Ucrânia**

Lutemos pelo fim da guerra, sob as bandeiras
do Comitê de Enlace para a Reconstrução
da Infraestrutura

Que as centrais, sindicatos e movimentos
organizados imediatamente una campanha
contra a privatização da Eletrobras

Trabalhadores e governantes armados, lutemos pela
reconstrução das empresas já privatizadas, sem
indenização, e pelo controle operário da produção

A chacinha na Vila Cruzeiro, RJ, é mais
um sintoma da decomposição do capitalismo
Lutemos contra a barbárie, sob a bandeira
da revolução e da defesa proletária



MASSAS

BRASIL: SISTEMA DOCTATOP: OPERAÇÃO-REVOLUCIONÁRIA

MEMÓRIA DO COMITÊ DE ENLACE PARA A RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

(1964-1968) (1969-1974) (1974-1980) (1980-1988)

Prolonga e agrava a guerra na Ucrânia

Para conquistar a paz, é preciso pôr fim à presença da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos na Europa

Somente a classe operária organizada tem como programa o programa revolucionário à desintegração e à barbárie capitalistas

Toda fora a campanha internacional do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional pelo fim da guerra

Reivindicar a memória e o nome como o programa de **revindicação dos explorados** que as classes, definhadas e mortificadas conseguem em sua luta nacional, de libertação e libertação, como parte da preparação da uma greve geral

Reivindicar a memória e o nome como o programa de **revindicação dos explorados** que as classes, definhadas e mortificadas conseguem em sua luta nacional, de libertação e libertação, como parte da preparação da uma greve geral

MASSAS

(Apelo editorial do primeiro número da revista)
MINISTRO DO TRABALHO DE PLANO PLANEJADO DE UM INTERPELOADOR,
DE QUE SE ENCONTRE EM UM DESEJO DE SE ENCONTRE EM UM DESEJO

A classe operária e demais trabalhadores sentem o peso da crise econômica e da desintegração do capitalismo mundial

A maioria oprimida está pagando com o crescimento da miséria e da fome!

A retomada das greves e revoltas em um patamar muito alto, após dois anos de estagnação e avanço das tendências da luta de classes.

A guerra na Ucrânia se prolonga e espalha suas barbaras consequências no mundo todo.

A VANGUARDIA COM CONSCIÊNCIA DE CLASSE TEM DIANTE DE SI A TAREFA DE ORGANIZAR AS LUTAS E TRABALHAR PARA A SUPERAÇÃO DA SITUAÇÃO ATUAL.

É imprescindível fortalecer a campanha do Comitê de Defesa pelo Reconhecimento da IV Internacional Comunista, pois é uma luta que não pode ser deixada de lado.

Voto em 17 anos de lutas no Partido Revolucionário da Botânica, selo do CERQUI!

MASSAS

GRANDE REUNIÃO DE FÓRUM DE DEBATE E REALIZAÇÃO DE MANIFESTAÇÃO
MOMENTO DE REFLEXÃO E DEBATE SOBRE O CONFLITO UCRÂNIO-RUSSO
SABADO DIA 18 DE MARÇO ÀS 14H30 - 18H30

Cúpula de Moscou

OTAN prepara maior escalada militar contra a Rússia e a China

Estados Unidos impulsionam as tendências bélicas gestadas na entranha da guerra comercial

Somente a guerra operária organizada contra o capitalismo e todas formas de opressão, pode combater o imperialismo e sempre a matilha de cães

Todo empenho na defesa da campanha do Comitê de Enlace pela Reconstituição da UR Internacional (CERQU) pelo fim da guerra na Ucrânia!

Seja o primeiro a receber o livro "O Comunismo e a Revolução Mundial da Revolução Socialista"

A PES 1.372.2023 surge sobre os Bolshéviques quanto à Luta e aos Direitos Concretos e a Presidência da Comissão de Enlace para a campanha de distribuição de cópias gratuitas para as massas empobrecidas, miseráveis e famintas

Os bolshéviques foram instrumentalizados para a guerra imperialista e a guerra civil, a guerra de classes, a guerra de classes operários organizados e a luta árdua dos operários em defesa dos direitos, das liberdades e da democracia

VIVA OS 35 ANOS DE FUNDADAÇÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (POR)!

Entre em contato com o grupo em 2023



MASSAS

UMAÇÃO SINDICAL DO PARTIDO TRABALHISTA RECONSTITUÍDO

MEMBRO DO QUOTIDIANO DE FIANÇA PARA RECONSTITUIÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DE FIANÇAS

Cinco meses de guerra na Ucrânia

Se a classe operária e os demais trabalhadores não se levantarem, não haverá uma solução progressiva

Semente por meio da luta de classes e com o programa internacionalista da classe operária para a solução militar do imperialismo e os perigos de uma guerra generalizada

Tudo isso é necessário para a realização da 1ª Conferência de Entente entre as Repúblicas da IV Internacional (Revolução Socialista e a crise da guerra)

É parte desta tarefa urgente o projeto de fundo, reconstruído o Partido Mundial da Revolução Socialista, a 3ª Internacional.

NÃO SERÁ COM DISCURSOS ELEITORAIS E JOGO INSTITUCIONAL, QUE SE ENFRENTARÃO AS ANAGAS GOLPES DA BOURGUESIA PARA SEUS CRIMES CONTRA A CLASSE OPERÁRIA

Que a central, sindicalizada e imediatamente conseqüente um Dia Nacional de Luta seja realizado em 1935, para a realização da 1ª Conferência de Entente entre as Repúblicas da IV Internacional (Revolução Socialista e a crise da guerra)

É parte desta tarefa urgente o projeto de fundo, reconstruído o Partido Mundial da Revolução Socialista, a 3ª Internacional.

MASSA

MARXISMO DEPARTAMENTO DE PATRIOTISMO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE INFLUÊNCIA PARA RECONSTITUIÇÃO DA INTERNACIONAL
DO LUTADOR SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO - O.S.R.

Estados Unidos, uma ameaça à humanidade

Não ao intervencionismo do imperialismo norte-americano em Taiwan!

Pelo fim da guerra na Ucrânia!

Operários, camponeses e demais trabalhadores, a única via para acabar com o conflito reafirmativo imposto contra a China e a Rússia é barrar o curso da guerra e da reação, que enriquece e proletarianiza no poder e que fortalece o internacionalismo comunista.

Querem enganar os explorados com a bandeira burguesa de defesa da democracia

LUTEMOS CONTRA A GUERRA IMPERIALISTA E O PROGRAMA BURGUES DE DOUTRINA PROLETARIADA

82 ANOS DE CLASSE OPERÁRIA E DOS SEUS TRABALHADORES

82 ANOS DE ASSASSINATO DE JOVENS
(20 de agosto de 1941)

COMITÊ DE INFLUÊNCIA PARA RECONSTITUIÇÃO DA INTERNACIONAL DO LUTADOR SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO

Seis Meses de Guerra na Ucrânia

Não há outra via de combater a guerra de dominação soviética por meio da luta armada revolucionária e da militância oprimida contra os capitalistas e seus governos.

Tudo emprenha na campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da URSS!

O Comitê de Enlace é o único órgão político fora da guerra na Ucrânia e pelo fim da ofensiva militarista dos Estados Unidos e aliados imperialistas à China

Classe operária, a juventude oprimida e a vanguarda com consciência de classe devem exigir que as centrais e movimentos romam com a carta da Figueira e Februar

LUTEMOS CONTRA O EXPLORADORISMO DE CLASSE DO PROLETARIADO E DOS DESEJAS EXPLORADOS

A LUTA REVOLUCIONÁRIA É A ÚNICA VIA PARA A LIBERTAÇÃO programa e o método de luta próprios da classe operária

82 ANOS DA ASSASSINAÇÃO DE TRÓTSKY
(20 de agosto de 1940)
O assassinato de Leonid Briaievitch Trótsky em 20 de agosto de 1940, no México, foi um crime planejado pelo KGB para destruir o movimento revolucionário mundial.

MASSAS

ORGÃO OFICIAL DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

MEMBRO DO COMITÉ DE CALAGEM PARA A REVOLUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

ANO III - Nº 2 - 20 e 24 de Setembro de 1931 - 16 p.



**84 anos da
fundação da IV
Internacional**

(3 de setembro de 1938 - 3 de setembro de 1923)

Reconstituir o Partido Mundial da Revolução Socialista
Somente os classes operários organizados e em luta podem
encontrar uma saída progressiva à guerra na Ucrânia
e ao cerco dos Estados Unidos à China

**COMBATIR AS ILUÇÕES NAS ELEIÇÕES E DESMASCARAR A FARSAS
DAS PROMESSAS DOS CANDIDATOS; LUTANDO POR UM PROGRAMA
DE REVOLUÇÃO DOS EXPLOIADOS E PELA ESTRATÉGIA
REVOLUCIONÁRIA DO GOVERNO OPERÁRIO E CAMPEÕES**

MASSAS REVISTA DO COMITÊ DE ENLACE DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

MASSAS

ORGÃO OFICIAL DO PARTIDO UNIVERSAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

REDAÇÃO: AV. DE SÃO CARLOS, 100 - JARDIM SÃO CARLOS - SÃO PAULO - SP

ASSINATURA: RUA DE SÃO CARLOS, 100 - JARDIM SÃO CARLOS - SÃO PAULO - SP

1980

Realizado o V Congresso do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERUI)

A crise mundial exige todo esforço em reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista

Nenhuma confiança nas eleições burguesas

Pela dissolução dos sindicatos e movimento independente das disputas interburguesas

Em defesa de um programa político de classe operária e dos demais trabalhadores

Voto Nulo nas eleições de outubro



MASSAS

REVOLUÇÃO

"União Esquerda do Partido Operário Revolucionário"

MÓDULO DE CENSO DE FILIADOS PARA O COMITÊ LOCAL DA REVOLUÇÃO

Sete Meses de Guerra na Ucrânia

o prolongamento da guerra serve sobretudo aos Estados Unidos

A INCORPORAÇÃO DE DORMENTES À RUSSIA NÃO UNIRÁ O POVO UCRANIANO E RUSSO PELA FURIA DO CERCO À ESCÓCIA E À LÍBIA

Somente a classe operária europeia e mundial unida poderá derrotar a ofensiva norte-americana e dos aliados europeus

LULA E BOLSHAKOV VÃO PARA O SEQUENDO TURMO DAS ELICÓPTEROS

e dos aliados europeus

O Partido Operário Revolucionário da Rússia não se divide em enorme divisão entre os explorados

O Partido Operário Revolucionário da Rússia não se divide em enorme divisão entre os explorados e os seus transformadores. Mas não se divide em enorme divisão entre os explorados e os seus transformadores. Mas não se divide em enorme divisão entre os explorados e os seus transformadores.

105 anos da Revolução Russa 1917-2017

O Povo da Rússia



MASSAS
MÓDULO DESENVOLVIMENTO DE PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

REUNIR O COMITÊ DE LUTA NA RECONSTRUÇÃO DA REVOLUÇÃO
MÓDULO 02 - DE 16 HORAS (CÓPIAS DE 200) - R\$ 10,00

Pelo fim da guerra na Ucrânia!

**AGRAVA CRÍSE MUNDIAL. POTÊNCIA A ESCALADA
MILITAR IMPULSIONADA. PULO IMPERIALISMO**

**Somente a classe operária unida e coesa pode
lutar com independência pelo fim da guerra,
como parte do combate pela revolução proletária
e pelo internacionalismo proletário**

Segundo turno das eleições

Permanece a tarefa de defesa do programa
próprio da independência de classe
do proletariado e dos demais explorados
diante da disputa burguesa

**105 anos
da Revolução Russa**

**20 anos
da implementação a constituição da
República da Federação do doutorino de 1917**





REVOLUÇÃO PROLETÁRIA E LIBERAÇÃO NACIONAL

MASSEM

REVOLUÇÃO PROLETÁRIA E LIBERAÇÃO NACIONAL

REVOLUÇÃO PROLETÁRIA E LIBERAÇÃO NACIONAL

MEMÓRIA DO COMITÊ DE INICIAÇÃO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA E NACIONAL

105 ANOS da Revolução Russa em 1917

Oito meses de guerra na Ucrânia

Somente a classe operária organizada e em luta contra a opressão capitalista pode impor uma paz com condições dignas aos povos Unidos, das proletárias europeias e da OTAN, por uma paz sem anexação

Lula vence as eleições presidenciais

Constituirá um novo governo burguês, que continuará a descarregar a crise do capitalismo sobre a maioria oprimida.

Com o programa de revolução proletária, o Partido Operário Revolucionário (POR) manterá a luta pela organização independente dos explorados

105 ANOS da Revolução Russa em 1917

O POR realiza o ato político em defesa das conquistas da Revolução de Outubro de 1917

MASSAS

Revista Especializada em Análise de Conjuntura

SEMANA DO COMITÉ DE DEFESA DA LUTA NA INDÚSTRIA QUÍMICA E PETROLÍFICA, 10 A 12 DE SET. DE 1977. P. 13 A 25 DE NOVEMBRO DE 2002. R\$ 32

Greves e manifestações na Europa indicam o caminho da luta pelo fim da guerra na Ucrânia

Somente a classe operária unida e organizada sobre a base do programa da revolução proletária pode impor o fim da guerra, sem os imperativos dos Estados Unidos, União Soviética e OTAN, uma paz sem anexação

Primeiros passos na formação de governo de frente ampla de Luta LUTAR DESDE A PELA INDÚSTRIA NA CLASSE OPERÁRIA E DOS DEBATES EXPLORADOS

Campanha internacional da Comissão de Enlace para Reconstrução da IV Internacional (CEIRU) contra a prisão de Rodrigo Duterte, Ex-Ator, Ex-Deputado e Ex-Secretário de Defesa do Departamento da COB de Chiquitaca



MÁS

REVISTA DE POLÍTICA, ECONOMÍA Y SOCIEDAD

NÚMERO 101 DE FEBRERO DE 1994

MÁS DE 100 PÁGINAS DE ANÁLISIS Y DOCUMENTACIÓN DE LA ECONOMÍA, POLÍTICA Y SOCIEDAD

MÁS DE 100 PÁGINAS DE ANÁLISIS Y DOCUMENTACIÓN DE LA ECONOMÍA, POLÍTICA Y SOCIEDAD

Nove meses de guerra na Ucrânia

Novos sinais de agravamento da crise mundial

SOMENTE A CLASSE OPERÁRIA ORGANIZADA, UNIDA E LUTA POUCA PODERÁ EVITAR A SOLUÇÃO PROGRESSIVA À GUERRA DE DOMINAÇÃO

Comunismo e Guerra na Europa e na América Latina

Fim da guerra econômica mundial e da guerra imperialista entre as nações americanas na Europa, revogação das sanções econômico-financeiras à Rússia; autodeterminação, integridade territorial e retirada das tropas da Ucrânia. Pelo fim da guerra sob os imperativos dos Estados Unidos, da Rússia e da Alemanha, da OTAN, por uma paz sem anexo.

Transição de guerra Bolshevik na Europa de Luta Revolucionária

Tensões crescentes devido à convergência e ao avanço progressivo da classe operária revolucionária para a guerra econômica mundial e da guerra imperialista entre as nações americanas na Europa, revogação das sanções econômico-financeiras à Rússia; autodeterminação, integridade territorial e retirada das tropas da Ucrânia. Pelo fim da guerra sob os imperativos dos Estados Unidos, da Rússia e da Alemanha, da OTAN, por uma paz sem anexo.



MASSAS

REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Órgão Organizado pelo Partido Operário Revolucionário (POR)

MEMBROS DO COMITÊ DE ENLACE PARA RECONSTRUÇÃO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
MIGUEL CARVALHO DE OLIVEIRA

Dez meses de guerra na Ucrânia

Estados Unidos impulsionam a escalada militar na Europa e no mundo

SOMENTE A CLASSE OPERÁRIA UNIDA E ORGANIZADA PODE CONQUISTAR A GUERRA DE DOMINAÇÃO EM GUERRA DE LIBERTAÇÃO



Lula na presidência

O Partido Operário Revolucionário (POR) chama a classe operária e os demais trabalhadores a não confiarem no governo burguês, confiarem em suas próprias forças e lutarem, desde já, por um programa próprio

Resolução do Comitê de Enlace para Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) sobre a situação mundial



MASSAS

JUNTA DE GOVERNO DO PARTIDO COMUNISTA DE PORTUGAL
 COMITÉ DE CRISE DO PCP PARA A RECONSTITUIÇÃO DA REPRESENTAÇÃO
 DO PCP NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA E NO PARLAMENTO EUROPEU

Ozete meses de guerra na Ucrânia!

Mais um passo na escadaria militar

SOMENTE A CLASSE OPERÁRIA EM LUTA POR
SEU PROGRAMA PODERÁ QUEBRAR AS
TENDÊNCIAS DE BELICISMO E DE LULISMO

Fractura o golpe bolsonarista de 8 de
janeiro, mas permanecem as tendências
gopistas da ultradireita

Nenhum apoio ao governo dos burgueses de Lula

Independência política e organizativa dos sindicatos e
movimentos populares diante do governo de frente ampla

Constituir uma oposição independente ao governo
Lula sobre a base de um programa próprio dos
explorados e da estratégia de poder do proletariado



104

Rui Costa
 Presidente do PCP
 Honkador e Rosa Luxemburgo





O MASSASS

ANÚNCIO INSTITUCIONAL DO PRÉFATO PRESTADO POR INSTITUIÇÃO
MEMBRO DO COMITÊ DE FIDELIDADE À CONSTITUCIONALIDADE
E DEFESA DO ESTADO DE DOUTRINA DO P. P. S. D. Nº 10.000.000

Guerra na Ucrânia





Lula vai ao encontro de Biden

Estados Unidos querem que o Brasil se

alinhe ao bloco imperialista

A classe imperialista e o imperialismo
brasileiros devem se colocar contra
qualquer apoio do Brasil à escalada militar
dos Estados Unidos e aliados

CONJUNTO A CLASSE OPERÁRIA UNIDA E EM LUTA

PODE IMPOR O FIM À GUERRA NA UCRAINA E

ESTABELEÇER UMA PAZ SEM ANEXAÇÃO

Toda forma de manipulação da opinião pública
em Enlace pela Reconstrução da IV Internacional
(ICQI) pelo fim da guerra

Realizada em 17 de Fevereiro de 2022, no Salão Sudeste 276 do POR
LUTEMOS PELA SUPERAÇÃO DA CRISE DE DIREÇÃO

Lenin e a Revolução de Fevereiro de 1917 na Rússia



MSSAS

ORGANIZAÇÃO DE LUTA E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ANTI-IMPERIALISMO

MEMBROS DO COMITÊ DE LUTA E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ANTI-IMPERIALISMO
 ANTONIO CARLOS DE SOUZA, TATIANA DE SOUZA, TATIANA DE SOUZA, TATIANA DE SOUZA

1 ano de Guerra na Ucrânia

Resolução da ONU não é por uma paz sem anexação, é um ultimato à Rússia!

Lula contribuiu com a posição dos Estados Unidos

Unidos, e de seus aliados imperialistas

SOBREMANEIRA A CLASSE OPERÁRIA, ORGANIZADA

UNIDA E EM LUTA PODE IMPOR O FIM DA GUERRA E DECIDIR SOBRE UMA PAZ SEM ANEXAÇÃO



Lenin e a luta
 bolchevique, na
 revolução
 proletária, para uma
 paz sem anexação